

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

AGNALDO COSTA JUNIOR

**VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE NA *LUMEN GENTIUM*. UM LEGADO DE
SÃO FRANCISCO DE SALES**

**CURITIBA
2016**

AGNALDO COSTA JUNIOR

**VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE NA *LUMEN GENITUM*. UM LEGADO DE
SÃO FRANCISCO DE SALES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio José de Almeida

CURITIBA

2016

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

C837v
2016 Costa Junior, Agnaldo
Vocação universal à santidade na *lumen gentium* : um legado de São Francisco de Sales ; orientador: Antonio José de Almeida. – 2016..
92 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2016
Bibliografia: f. 88-92

1. Igreja. 2. Graça (Teologia). 3. Santidade. 4. Salesianos. I. Almeida,
Antonio José de. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de
Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 234.1

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 116
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
AGNALDO COSTA JUNIOR

Aos vinte e um dias, do mês de junho de dois mil e dezesseis, às dezesseis horas reuniu-se na sala de Defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Antônio José de Almeida, Marcial Maçaneiro e Paulo Sergio Lopes Gonçalves, para examinar a dissertação do candidato Agnaldo Costa Junior, ingressante no programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e quinze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: **Vocação Universal à Santidade na *Lumen Gentium*. Um Legado de São Francisco de Sales.** O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, O Candidato Foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17 h 30 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Antônio José de Almeida _____
Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro _____
Convidado Interno

Prof. Dr. Paulo Sergio Lopes Gonçalves _____
Convidado Externo

_____ CIENTE
Prof. Dr. Agenor Brighenti
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



Agradeço a Deus, minha vida, meu amor.

Aos Missionários de São Francisco de
Sales e amigos.

Meu orientador, Padre Almeida, mestre e
amigo.

Onde quer que estejamos, podemos e
devemos aspirar à vida perfeita.

(SALES, 1893, p.21, tradução nossa)

RESUMO

No presente trabalho, “A Vocação Universal à Santidade na *Lumen gentium*. Um legado de São Francisco de Sales” utiliza-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. Visa apontar na teologia da vocação universal à santidade de São Francisco de Sales elementos para uma compreensão do quinto capítulo da *Lumen gentium*. O Vaticano II, com a Constituição dogmática sobre a Igreja, especificamente no capítulo quinto, aborda o chamado universal à santidade na Igreja. A santidade cristã consiste na vocação de todos à perfeição do amor, nos termos da caridade. Logo, a caridade é a perfeição da vida e santidade cristã. Deus dirige seu chamado a cada um e quer se unir a todos através do Cristo, portanto a santidade cristã é um dom concedido a Igreja e a cada fiel. Todos são chamados à plenitude da vida cristã, exercido em diversos modos e nas condições de cada um. No entanto, aborda a tendência e a exigência de tender à perfeição da santidade comum a todo cristão. O Concílio relembra que todos têm uma tendência para perfeição da caridade. Mas, reafirma que a obrigação de tender a santidade é para todos pela exortação do Cristo para a santidade de vida e que o Espírito Santo move os corações para a vivência do duplo mandamento do amor. Esta abordagem conciliar se aproxima estritamente da reflexão teológica de São Francisco de Sales que define a santidade como perfeição da caridade, e que Deus deseja a santidade para todos. Também afirma a tendência à santidade como vocação de todos e da obrigação de progredir na perfeição cristã.

Palavras-chave: Ecclesiologia 1. Graça 2. Santidade 3. Salesianismo 4.

ABSTRACT

The present study, "The Universal Call to Holiness in Lumen Gentium, a Legacy of St. Francis de Sales" makes use of a research methodology with bibliography with a qualitative approach. It aims to point out within the theology of Universal Call to Holiness the understanding of holiness according to St. Francis de Sales in view of understanding the fifth chapter of Lumen Gentium. The Second Vatican Council with its dogmatic constitution about the Church, especially in the fifth chapter, deals with the Universal Call to Holiness within the Church. The Christian Holiness in the call of all to the perfection of love in terms of charity. In fact in charity is the perfection of life and Christian Holiness. The call of God is directed to each one and wants to unite Himself with all through Christ. Therefore, the Christian Holiness is a gift given to the Church and to each Christian. However, a tendency and its demands to perfection of holiness are common for all Christians. The Council reminds us that the tendency to love is universal. But, it reaffirms that the obligation to pursue universal holiness consists in the exhortation of Christ for holiness moved by the Holy Spirit to experience the two commandments to love. The approach of the Council comes directly close to the theological reflection of St. Francis de Sales, who defines holiness as the perfection of charity and that God wants all to be holy. He also affirms the inclination to holiness as a universal call and the obligation to progress in Christian perfection.

Key-words: Ecclesiology 1. Grace 2. Holiness 3. Salesian 4.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE NO CAPÍTULO QUINTO DA <i>LUMEN GENTIUM</i>	21
2.1	PERÍODO ANTEPREPARATÓRIO: 1959-1960	21
2.2	PERÍODO PREPARATÓRIO: 1960-1962.....	22
2.2.1	Comissão Teológica Preparatória	23
2.3	PERÍODO CONCILIAR: 1962-1965.....	24
2.3.1	Primeira sessão (11 de outubro de 1962 – 8 de dezembro de 1962)	25
2.3.2	Intersessão de 1962 – 1963	25
2.3.3	Segunda sessão (29 de setembro de 1963 – 4 de outubro de 1963)	27
2.3.4	Intersessão de 1963 – 1964	29
2.3.5	Terceira sessão (14 de setembro de 1964 – 21 de novembro de 1964)	30
2.4	A VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE NA IGREJA.....	30
2.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
3	CONCEITO TEOLÓGICO DE SANTIDADE CRISTÃ SEGUNDO SÃO FRANCISCO DE SALES	44
3.1	O CONCEITO DE AMOR	44
3.1.1	O amor humano	46
3.1.2	Os aspectos do amor humano	47
3.1.3	A psique humana e a perfeição do amor	48
3.2	CARIDADE	50
3.2.1	A caridade como amizade.....	50
3.2.2	O dom da caridade.....	52
3.2.3	O dar e receber	53
3.2.4	O amor do próximo.....	55
3.3	SANTIDADE: <i>LUMEN GENTIUM</i> E SÃO FRANCISCO DE SALES	55
3.3.1	A santidade e “devoção”	57
3.3.2	A santidade: uma questão de amor	59
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
4	PONTOS TEOLÓGICOS COMUNS ENTRE A TEOLOGIA DA VOCAÇÃO UNIVERSAL A SANTIDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES E O QUINTO CAPÍTULO DA <i>LUMEN GENTIUM</i>	62

4.1	A TENDÊNCIA À SANTIDADE CRISTÃ.....	62
4.1.1	A inclinação natural para amar.....	63
4.1.2	A vocação universal à santidade	66
4.1.3	A santidade cristã no quotidiano quanto aos estados de vida	69
4.1.4	Os meios de santificação.....	70
4.1.5	A santidade como dom divino.....	71
4.2	HÁ OBRIGAÇÃO À SANTIDADE CRISTÃ?	75
4.2.1	O convite à santidade cristã	76
4.2.2	O primado do amor.....	77
4.2.3	A única santidade em diversas vocações e estados de vida	79
4.2.4	A liberdade, conselhos e inspirações.....	80
4.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERENCIAS.....	88

1 INTRODUÇÃO

O amor está preponderantemente muito presente em todo lugar e em qualquer cultura contemporânea. Fala-se frequentemente de amor. O amor, nos termos da caridade, é tema muito presente na Igreja de hoje. O papa Francisco declarou o Jubileu do Ano Santo da Misericórdia, por meio da Bula de Proclamação *Misericordiae vultus* (MV). O Jubileu iniciou em 08 de dezembro de 2015 e se concluirá no dia 20 de novembro de 2016, com a solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo. Diz o papa, ao n. 6 da Bula, que:

[...] a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta, pela qual ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até o mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor 'visceral' (FRANCISCO, 2015). (MV 6)

Assim, a Igreja responde, tanto mais, a uma das principais aspirações dos homens e mulheres deste tempo, e a afirmação “Deus é amor” (1Jo 4,16) se tornou um anunciado central da fé cristã. Ademais, o magistério recente propõe uma reflexão sobre o tema do amor. Desde o início de seu pontificado, São João Paulo II, em suas audiências gerais, desenvolveu uma reflexão sobre o amor humano em suas dimensões conjugais e sexuais como verdadeiro caminho de vida cristã, conseqüentemente da santidade (JOÃO PAULO II, 2014). Também Bento XVI, papa emérito, pôs um destaque sobre o tema do amor humano dedicando-lhe uma carta encíclica, *Deus caritas est* (DCE).

Diante das reflexões sobre a questão do amor, há pouco mais de 50 anos, o Concílio Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *Lumen gentium* (LG) sobre a Igreja dedicou todo o capítulo quinto à temática da universalidade da vocação à santidade, numa perspectiva eclesiológica, a santidade nos termos da perfeição da caridade. Assim também, na transição dos séculos XVI e XVII, o bispo de Genebra e Doutor da Igreja, São Francisco de Sales dedicou sua vida inteira, por meio de pregações, escritos e ações, a instigar todos os seus contemporâneos à santidade cristã como perfeição da caridade. Mais do que foi já escrito sobre a vocação universal à santidade, o que motivou a dissertar foi o interesse em resgatar a contribuição de São Francisco de Sales ao tema da vocação de todos à perfeição cristã na perspectiva do amor, e demonstrar como São Francisco de Sales, o santo

de Annecy é atual. Portanto, a motivação maior é redescobrir o salesianismo como contribuição para viver a santidade cristã nos dias de hoje em ênfase no amor, em termos da caridade.

O presente trabalho tem como tema central “A vocação universal à santidade na *Lumen gentium*: um legado de São Francisco de Sales”. É a partir da eclesiologia que os padres conciliares tomam a consciência que a Igreja é uma comunhão fundada sob a comunhão trinitária, em que o tema da vocação universal à santidade aparece no quinto capítulo da *Lumen gentium* convidando os fiéis para viver da santidade de Deus e na perfeição do amor. É a mesma santidade para todos, mas segundo as condições de cada um e em vários gêneros de vida, em que os conselhos evangélicos são um aspecto. Cada um é convidado a responder a sua vocação de batizado amando Deus e seu próximo. A vida cristã segundo o duplo mandamento do amor introduz cada um na perfeição da caridade e na santidade, apesar das faltas ligadas ao pecado. O duplo mandamento do amor expressa que a caridade é um dom divino, pelo qual o homem e a mulher podem amar, concomitantemente é uma lei que obriga cada um a amar. Assim, orientado pela caridade para a caridade, todos podem responder à vocação da santidade cristã.

Como problematização destaca-se: quais os elementos da teologia da vocação universal à santidade de São Francisco de Sales contribuem para uma compreensão do quinto capítulo da *Lumen gentium* (LG)?

Quanto à hipótese, sugere-se que a teologia da vocação universal à santidade de São Francisco de Sales tem elementos para uma compreensão do quinto capítulo da *Lumen gentium*.

Séculos antes do Concílio Vaticano II, São Francisco de Sales instigou os seus contemporâneos que a santidade é para todos. Há mais de cinquenta anos o Concílio, inspirado pelo Espírito Santo, manifestou que a santidade é para todo o Povo de Deus. Por isso, a razão de retomar seu pensamento acerca da santidade para todo o mundo.

São Francisco de Sales nasceu em Thorens (Alta Sabóia), 1567. Terminados os estudos no Colégio Clermont, dos Jesuítas, em Paris, e os estudos de direito em Pádua, formou-se *in utroque jure* (em ambos os Direitos, canônico e civil) em 1591. Mas antes de se formar, sofreu uma crise em 1586, em que se via condenado para

sempre quando tomou contato com o problema da predestinação¹. A tentação desapareceu subitamente quando rezou diante do altar de Nossa Senhora. Desta crise resultará uma reflexão teológica em base da misericórdia, graça e liberdade humana. Ordenado sacerdote aos 25 anos, em 1593, logo se dedicou espontaneamente à missão em Chablais de 1594 a 1598. Era uma região dominada pelo calvinismo, vizinha do lago de Genebra. Esta tarefa consistia na reconciliação dos habitantes com a Igreja Católica, missão muito difícil, mas vivida com muito êxito. Sagrado bispo de Genebra (1602), mas exilado na cidade de Annecy, empenhou-se totalmente na pastoral diocesana caracterizando-se por uma constante caridade e uma inalterável atenção a toda categoria de pessoas, como também na pregação e na redação de obras ascéticas e místicas (*Filoteia* e *Teótimo*). Em 1610, junto com Joanne Fremiot de Chantal fundou a Ordem da Visitação de Santa Maria, e durante cerca de vinte anos de apostolado episcopal deixou muitos escritos. Conheceu Mère Angélique Arnauld (1591-1661), abadessa e reformadora de Port-Royal, e posteriormente foi líder do jansenismo². O bispo de Genebra foi diretor espiritual de Mère Angélique que quis entrar na recente fundação da Visitação. Mas, com a morte de São Francisco de Sales, Mère Angélique perde seu diretor, e Saint-Cyran encontrou nela uma adepta para o jansenismo (LAJEUNIE, 1966). Morreu em Lião, em dezembro de 1622. Beatificado e canonizado por Alexandre VII, em 1661 e 1665, foi declarado doutor da Igreja por Pio IX em 1877, e Patrono dos Jornalistas por Pio XI em 1923.

Para melhor retratar o bispo de Genebra, é necessário descrever brevemente as influências que recebeu em sua formação, tanto espiritual quanto intelectual. Sem dúvida, São Francisco de Sales é um humanista³, tanto no sentido das letras como também no otimismo que se reflete na plena confiança no ser humano. Para ele, o auge das potências humanas é o amor que assegura o desabrochar harmonioso e o

¹ O predestinacionismo é uma doutrina de Gottschalk, no século IX, que nega a universalidade da eficácia redentora da Paixão, ou seja, Jesus Cristo morreu para seus predestinados (DH 621-624). Erro retomado no século XVII, por Jansênio (DH 2001-2007 e 2301-2332), e no século XVIII por Quesnel (DH 2400-2502).

² Jansenismo é uma doutrina elaborada por Jansênio (1585-1638), holandês. Sua vida se passou na Holanda, Louvain, e Paris, onde se ligou com o abade de Saint-Cyran com o qual elaborou sua doutrina, em Bayonne, depois em Ypres onde se tornou bispo. Apenas acabado sua obra *Augustinus*, morre de peste.

³ A confiança no ser humano é o que caracteriza essencialmente o humanismo cristão de São Francisco de Sales. Este humanismo não acredita que o ser humano pode se realizar plenamente sem o aspecto do sobrenatural. Possui o sentido dos clássicos e a confiança na perfeição humana.

fim último de cada homem e mulher. Também para ele, o coração humano tende naturalmente para Deus, que de tal forma converge à imanência e à transcendência. Portanto, o amor é elo no processo da divinização humana.

Dentre as fontes de influência espiritual relevantes em São Francisco de Sales salienta-se a dos jesuítas, cujo objetivo era de não só formar intelectuais, mas santos. As personalidades que mais influenciaram o bispo genebrês foram: o Padre Possevin, diretor espiritual, e o célebre humanista e grande teólogo espanhol Padre Maldonat. Assim a influência inaciana se dá no conceito de natureza humana, nas relações do ser humano com Deus, nas considerações da graça e o esforço humano do interior para o exterior. Sobre São Francisco de Sales há ainda a ascendência de Santa Teresa de Jesus, São Carlos Borromeu, São Felipe Néri, e alguma influência da espiritualidade do norte da Europa.

Quanto à filosofia, o bispo de Genebra recebeu influência de Aristóteles, quando estudava filosofia em Paris, é sua base filosófica. Entretanto, São Francisco de Sales percebeu que o humanismo cristão não tinha a sua origem em Aristóteles, Platão, Plutarco ou Sêneca, mas nas Escrituras e patrística. Conhecia muito bem a doutrina dos Santos Padres e optava por Agostinho, Jerônimo, Crisóstomo, Cipriano. Além destes, tinha preferência por São Bernardo e São Boaventura. Mas, é em Agostinho que mais se baseia.

São Francisco de Sales é conhecido como um fino psicólogo e teólogo, mas hauriu em Santo Agostinho. A gênese de sua teoria sobre a parte superior e inferior da psique humana encontra-se no autor das *Confissões*. Além disso, a grande influência está na ênfase ao aspecto racional e amoroso. É através de Deus que o ser humano encontra a verdade e o bem. É Deus o objeto do pensamento e amor humano, pois isto é demonstrável através do coração humano como a razão humana que conduz o homem e mulher para Deus, seu centro de unidade, não só pela inteligência, porém mais ainda pelo coração que se vai a esta verdade e a este bem. Ora, esta natural tendência do ser humano para Deus é pelas faculdades da razão e da vontade humana, que São Francisco de Sales toma como princípio a célebre afirmação agostiniana: “[...] fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (AGOSTINHO, 1997). E, por conseguinte, olhar o mundo pela visão de Deus é consequência de amar a Deus verdadeiramente e amar em Deus o universo segundo o seu olhar.

O santo de Annecy foi considerado pelo Beato papa Paulo VI como precursor do Concílio Vaticano II e, desejando impulsionar na Igreja os frutos do Concílio, declarou que “Nenhum melhor que Francisco de Sales, entre os recentes Doutores da Igreja, soube, com profunda intuição de sua sagacidade, prever as deliberações do Concílio” (Carta apostólica *Sabaudiae gemma*, de 29 de janeiro de 1967).

A teologia salesiana tem uma preferência para expressar o amor em termos da caridade como fundamento da perfeição cristã. À luz do dado bíblico, patrístico e escolástico, o termo caridade evoluiu ao ponto de ser uma expressão específica da fé cristã traduzindo o enunciado divino “Deus é amor” (1Jo 4,16) e o mandamento do amor de Deus e do próximo. No entanto, para muitos hoje, a caridade pode aparecer como uma obrigação muito difícil de viver para responder a vocação à santidade cristã.

O presente trabalho apresenta a questão da caridade como aparece no quinto capítulo da *Lumen gentium* e em São Francisco de Sales na perspectiva da universalidade da vocação à santidade. Percebe-se que os padres conciliares tiveram uma preocupação particular em relação à questão do amor em termo da caridade. Ela está conectada com Deus definindo o ser divino trinitário e por participação à vida divina que o ser humano pode viver a caridade, ao ponto da santidade e da perfeição do amor. A caridade é dom oferecido a cada um para viver a santidade cristã. O ser humano participa por sua vez a este amor divino na vida de caridade que o faz entrar em comunhão com Deus e com os outros, ou seja, uma comunhão de vida. Ele recebe por projeto de vida, não a uma obediência a uma lei exterior, mas a própria vida de Deus que é a santidade e a perfeição do amor que trata o capítulo quinto da *Lumen gentium* e nas obras de São Francisco de Sales.

Para São Francisco de Sales, Deus chama cada um para amar, porque fez a pessoa humana para amar a Deus. Ele fala da inclinação natural para amar a Deus que significa que o próprio Deus colocou um atrativo em cada ser humano para amá-Lo (SALES, 1894a). Deus criou o ser humano de uma natureza amorosa, é um coração que ama porque deseja. Enfim, amar a Deus e aos outros em Deus, para Deus, como Deus.

Assim, “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, quer que tudo no homem, como nele próprio, seja ordenado pelo amor e para o amor” (SALES, 1894a, p. 40, tradução nossa).

O desejo humano é um tema central na análise psicológica de São Francisco de Sales. A vontade é o desejo em ação que vai ao encontro do objeto desejado, o desejo excitando todas as potências humanas da ação, para alcançar o fim que escolheu. Em relação à santidade, ele diz que “[...] o bom desejo é propósito de alcançar a perfeição da vida cristã. O desejo que deves amar e alimentar ternamente em vosso coração, como obra do Espírito Santo e uma centelha do fogo divino” (SALES, 1902, pp. 263-264, tradução nossa).

O bem atrai e move a vontade que amando se dirige ao objeto de seu amor. Este objeto, ela escolhe livremente perdendo o seu poder de escolher uma vez que escolheu, porque amando passa a ordem do amor. Nisto que consiste a liberdade, em optar pelo amor do bem.

Deus, por sua infinita bondade, quer que o amor prospere no ser humano pela graça celeste. Por isso, a perfeição do amor de Deus é um dom divino e a prática da vida cristã como resposta a este dom. Para São Francisco de Sales, a santidade é a perfeição da caridade.

Para o bispo de Genebra, a perfeição cristã é amar a Deus de todo coração, e seu próximo como a si mesmo. A caridade é o único vínculo de perfeição entre uns e outros e a única virtude que une cada um a Deus e ao próximo como deve ser, em que consiste o fim e a última consumação: é o fim de toda consumação, e a consumação de todo o fim do ser humano.

Ademais, a santidade cristã consiste na caridade, pois a caridade é amar a Deus por amor dele mesmo, e o próximo pelo amor de Deus. Mas o que é amar? O amor é a primeira paixão do apetite sensual, e a primeira afeição racional, que é a vontade humana, embora a vontade seja o amor do bem, e o amor é o querer o bem. Ora, o movimento da vontade para o bem é o que se chama amor, que é a primeira e principal afeição do apetite racional. Este movimento é tão potente, porque dá o impulso a própria vontade que o produz. Portanto, amor de caridade é amar a Deus e o próximo, que é um verdadeiro amor de amizade, é querer o bem a Deus por ele mesmo, e ao próximo em Deus e por amor de Deus.

A santidade cristã consiste na caridade, que é o vínculo da perfeição, e sem a qual não existe perfeição cristã. Assim, o amor divino não pode ser concebido pela vontade humana, se o Espírito Santo não a difunde no coração humano, e como divino, deve presidir e governar sobre todas as afeições até mesmo sobre o entendimento e a vontade.

Ora, quando se fala do amor divino, trata-se da caridade, que é o amor de Deus, mas não amor interessado e de desejo. É um amor puro, e que não busca seu interesse. O amor puro é a caridade que põe Deus em todo amor, o amor menos puro é misturado de interesse próprio. O amor impuro é interessado.

O presente trabalho tem como objetivo geral apontar na teologia da vocação universal à santidade de São Francisco de Sales elementos para uma compreensão do quinto Capítulo da *Lumen Gentium*. E como objetivos específicos assumidos e projetados para esta dissertação, estão basicamente três: primeiro descrever o contexto em que surgiu a problemática do quinto capítulo da *Lumen gentium*. O segundo identificar o conceito de santidade de São Francisco de Sales, confrontando-o com o conceito presente no quinto Capítulo da *Lumen gentium*. O terceiro identificar os pontos teológicos comuns à teologia da vocação universal à santidade de São Francisco de Sales e ao quinto Capítulo da *Lumen gentium*.

O corpo desta dissertação está dividido em três seções ou capítulos. O primeiro visa contextualizar o tema da vocação universal à santidade dentro dos aspectos históricos do Concílio Vaticano II. Apresentar-se-á, de maneira sucinta, as etapas do Concílio na elaboração da Constituição Dogmática da *Lumen gentium* focando o tema da vocação universal à santidade, do qual surgirá o quinto capítulo. Também, alguns comentários para a compreensão do tema da vocação à santidade para todos na Igreja.

O segundo busca identificar alguns aspectos do conceito de santidade de São Francisco de Sales, destacando os principais pontos, que o motivou e que estão na base de suas obras e pregações. Será resgatado o núcleo central do conceito de santidade em suas obras. Procurar-se-á também confrontar o conceito salesiano de santidade cristã com o conceito que se encontra na *Lumen gentium*.

O terceiro apresenta os pontos teológicos da teologia da vocação universal à santidade cristã presentes nos escritos de São Francisco de Sales e que são comuns ao quinto capítulo da *Lumen gentium*. Este capítulo procurar-se-á abrir um caminho de compreensão da teologia de São Francisco de Sales e de como aproxima ao ensinamento da *Lumen gentium*. Procurar-se-á também perceber a atualidade desta teologia.

A justificativa do tema de pesquisa da vocação universal à santidade na *Lumen gentium* e em São Francisco de Sales trata da teologia da vocação e da santidade que se relacionam. Em *Lumen gentium*, o capítulo cinco aborda o

chamado universal à santidade na Igreja, exercido em diversos modos e nas condições de cada um, e este é um conhecido pensamento de São Francisco de Sales, embora não seja citado diretamente na Constituição Dogmática. O chamado comum à santidade aborda o ser da Igreja, bem como o ser cristão. É um princípio fundamental da fé cristã. Por isso, essa teologia está relacionada com a Teologia Sistemática. Assim, a pesquisa vincula-se com a Linha de Bíblia e Evangelização.

O trabalho de pesquisa está vinculado com o projeto de pesquisa do Orientador Antônio José de Almeida, que é doutor em Teologia Dogmática. Sua reflexão teológica abrange os campos da Ecclesologia e Ministérios. Em sua obra *Sois um em Cristo Jesus*, trata da iniciação ao mistério da Igreja, e o autor afirma que “o dom feito à Igreja toda e a cada fiel acompanha-se de vocação igualmente universal: todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (ALMEIDA, 2012, p. 40). Neste ponto, tem-se o nexos concreto entre o projeto do orientador e o projeto a elaborar.

Ademais, o orientador vem trabalhando o Concílio Vaticano II, na perspectiva do tema Igreja; na obra *Lumen Gentium: a transição necessária*, diz que “uma das afirmações mais insistentes do Concílio é a da santidade, à qual todos e todas são chamados [...]” (ALMEIDA, 2005, p. 218). Seu livro mais recente sobre o Concílio Vaticano II é *ABC do Concílio Vaticano II* (ALMEIDA, 2015).

Tem trabalhado igualmente a questão do leigo. Fez um comentário do Decreto *Apostolicam actuositatem*, em que explica, entre outros, o sentido do que é comum a todos na Igreja, inclusive a vocação à perfeição (ALMEIDA, 2012, p. 39).

Na revisão de literatura, visando aprofundar o conhecimento sobre este assunto, é abordada a questão da vocação universal à santidade em *Lumen gentium*, bem como no próprio São Francisco de Sales.

A respeito da vocação universal à santidade na *Lumen gentium*, o artigo de Labourdette (1965) afirma que a santidade não é, na Igreja, uma vocação exclusiva para alguns cristãos. Diz que foi uma novidade impressionante, a *Introdução à vida devota*, de São Francisco de Sales, em seu tempo. Ele faz um breve relato histórico do capítulo quinto da *Lumen gentium*. E, desenvolve um comentário das grandes linhas do capítulo como o preâmbulo, a vocação universal à santidade, o multiforme exercício da única santidade, enfim, os caminhos e meios de santidade.

De acordo com o trabalho de Teixeira (2009), a vocação universal à santidade parte da Sagrada Escritura como participação na vida divina, do Vaticano II em

relação vocação batismal e do Documento de Aparecida em relação ao seguimento de Jesus.

Também Teixeira (2009) diz que a vocação universal à santidade como uma das chaves de leitura para o *aggiornamento*⁴, em especial no que se refere ao ser e ao agir da Igreja. Considera em relação às raízes bíblicas, ao Concílio Vaticano II e à Conferência de Aparecida.

Ao tratar da vida cristã, São Francisco de Sales chama de devoção, não um conjunto de práticas religiosas, mas “[...] o mais perfeito amor a Deus. Esse amor chama-se graça, [...]. Se nos dá força e vigor para praticar o bem, assume o nome de caridade. E, se nos faz praticar o bem frequente, pronta e cuidadosamente, chama-se devoção e atinge então ao maior grau de perfeição” (SALES, 1893, pp. 14-15). Seu objetivo é estendê-la “[...] a todos os fiéis, [...] que fizessem dignos frutos de piedade, cada um segundo o seu estado e vocação” (SALES, 1893, p. 19). Ela deve ser exercida diferentemente pelo fidalgo, pelo artesão, pelo empregado, pelo príncipe, pela viúva, pela solteira, pela casada; e não somente isto, mais é preciso conciliar a prática da devoção às forças, aos trabalhos e aos deveres de cada um em particular.

Em seu prefácio, São Francisco de Sales explicou seu projeto ao escrever seu *Tratado*: “[...] pensei apenas representar simples e ingenuamente, sem arte e ainda mais sem adornos, a história do nascimento, do progresso, da decadência, das operações, propriedades, vantagens e excelências do amor divino” (SALES, 1894a, p. 8). Mais do que um tratado de teologia mística é um manual de vida espiritual. Trata-se de acolher o Amor de Deus e responder, no cotidiano, a este Amor infinito e gratuito.

Dom Jean Sauvage, bispo de Annecy de 1962 a 1965, participou no Concílio Vaticano II. Escreveu um estudo sobre o tema da vocação universal à santidade na obra de São Francisco de Sales e os documentos do Vaticano II.

O referencial teórico será baseado na redescoberta da vocação universal à santidade no Concílio Vaticano II como aparece na Constituição Dogmática *Lumen gentium*. Os padres conciliares debateram este tema da vocação à santidade, válida para todos na Igreja.

⁴ *Aggiornamento* é um termo italiano que significa literalmente atualização, de *aggiornare* que quer dizer por-se em dia (derivado de *giorno*). Ele está relacionado ao Vaticano II sendo atribuído ao papa São João XXIII. Pode ter um sentido de se por à luz de Cristo.

Eles falaram da perfeição da santidade, a ser adquirida através da obediência ao mandamento da caridade, que está ao alcance de todos e que é proposta a todos os estados e modos de vida.

Os padres conciliares retomam o pensamento patrístico sobre a Igreja, “povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). Também eles lembram que todos os fiéis têm dignidade, liberdade, formam o povo de Deus e são templos do Espírito Santo (cf. LG 9). Todo o povo de Deus, por causa do sacerdócio comum dos fiéis, é chamado à plena participação e a uma vida santa (cf. LG 10). O sacerdócio espiritual se estende a todos, a vocação à santidade vale também para todo o povo de Deus. A propósito, para todos os cristãos, católicos ou não, mas também toda a humanidade, pois são chamados a ser povo de Deus (cf. LG 13).

Nesse horizonte, a *Lumen gentium* fala da vocação universal à santidade tratando de um revés, devido a uma eclesiologia que identificava a Igreja com a hierarquia, assim a santidade tinha sido reduzida aos clérigos, religiosos e religiosas. Portanto, ser santo não era compreendido para quem vivia no meio do mundo.

Os padres abordando o chamado universal à santidade na igreja, não definiram a santidade, mas falam dela como dom de Deus, como nota característica da Igreja (LG 39), que é fonte de santidade para todos fiéis. Dirigem um entusiasmado apelo aos leigos, depois de referir aos demais estados de vida, recordando-lhes que a vocação à santidade é comum a todos os batizados. Explicam com clareza e profundidade a natureza da santidade, em adesão completa à vontade de Deus. Todos os cristãos têm o dever a tender à santidade, como também a obrigação de serem santos.

Outro referencial teórico é Padre Étienne-Jean Lajeunie (1886 – 1964), dominicano, é um dos maiores estudiosos sobre São Francisco de Sales. Ele possui numerosos livros como também artigos em que trabalhou bastante a vida e o pensamento de São Francisco de Sales. Passou mais de trinta anos de sua vida em trabalho de pesquisa sobre São Francisco de Sales. Outro grande estudioso é o Padre André Ravier (1905 - 1999), jesuíta, que publicou inúmeros livros e artigos sobre São Francisco de Sales.

Este trabalho apresentará como metodologia a pesquisa bibliográfica⁵ tendo uma abordagem qualitativa. Será cumprido através do procedimento metodológico optando pela pesquisa bibliográfica tendo como objetivo da pesquisa o levantamento de informações e ideias sobre o tema da vocação universal à santidade no Concílio Vaticano II e em São Francisco de Sales, e tendo como fontes livros, artigos, dicionários que tratam do tema dos principais historiadores do Concílio Vaticano II e comentadores da *Lumen gentium*, como de São Francisco de Sales. A pesquisa terá uma preocupação histórico-teológica com cunho a abordagem qualitativa, ou seja, sistematizar as questões levantadas. Também se fará uma pesquisa diretamente nas obras na língua francesa de São Francisco de Sales, como fonte primária da pesquisa bibliográfica.

⁵ Pesquisa bibliográfica do atual trabalho consiste na consulta aos livros sobre teologia ligados ao Vaticano II e as obras completas de São Francisco de Sales. E abordagem qualitativa significa a sistematização das informações coletadas da consulta.

2 VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE NO CAPÍTULO QUINTO DA *LUMEN GENTIUM*

O capítulo quinto da Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium* teve, como toda a Constituição, uma trajetória marcada por reconstruções; no início era para destacar as pessoas que faziam profissão na vida religiosa. A pesquisa refere-se especificamente ao contexto histórico (PHILIPS, 1968) em que surgiu o tema da vocação universal à santidade, e não propriamente da Constituição em si mesma, pois que já há muitas obras que tratam diretamente da Constituição sobre a Igreja. Mas, se fará um breve delineamento por etapas da Constituição. O intuito é descrever o contexto em que surgiu a problemática do quinto capítulo da Constituição *Lumen gentium* sobre a santidade na Igreja.

Em síntese, a Constituição teve três etapas de reconstruções. A primeira consiste no projeto primitivo, redigido a partir de 26 de novembro de 1960 pela subcomissão *De Ecclesia* da Comissão teológica preparatória e que o Concílio envia para reforma ao fim de sua primeira sessão. A segunda consiste no segundo projeto, preparado durante a primeira intersessão, enviado aos padres no verão de 1963 e discutido durante a segunda sessão. Por fim, a terceira consiste no texto final retrabalhado durante a segunda intersessão, enviado em julho de 1964 e adotado após a discussão ao fim da terceira sessão.

2.1 PERÍODO ANTEPREPARATÓRIO: 1959-1960

Após o anúncio do Concílio, no dia 16 de maio de 1959, o papa São João XXIII nomeou uma Comissão antepreparatória, presidida pelo Cardeal secretário de Estado, Domenico Tardini, composta de secretários de diversas congregações romanas. A Comissão tinha como objetivo organizar uma consulta geral aos bispos, superiores das ordens religiosas e universidades católicas.

O material recebido durante o período antepreparatório era muito heterogêneo, recolhendo uma minuciosa informação. As respostas eram abertas e vieram sob a forma de *vota*, que são as sugestões para redigir futuros esquemas a serem discutidos no Concílio, e que constituíram matéria de 15 volumes de *Acta et Documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando* (KLOPPENBURG, 1962,

v.1, p. 54). Essa imensa documentação foi organizada e recopilada em oito partes da *Series I (Antepreparatoria)*, volume II: *Consilia et vota episcoporum ac praelatorum*. E, dessas oito, foi organizada uma síntese por temas, o *Conspectus analyticus*, publicado como apêndice ao segundo volume, constituindo em duas partes. Enfim, a Secretaria Geral das Comissões preparatórias elaborou um relatório sintético que emitiu os *vota* dos bispos por nações, outro por superiores gerais e uma síntese final.

Em suma, as propostas em comum referentes à Igreja convergiam para a noção de que o Vaticano II deveria completar o Vaticano I focando a eclesiologia mais recente, bem como organizar os temas eclesiológicos da natureza e a constituição da Igreja, o ministério e o magistério, as relações da Igreja com a sociedade civil e comunidades cristãs não católicas, e por fim, incidir a mariologia sobre a eclesiologia.

De modo geral, uma análise atenta desse imenso material permite obter um quadro da vida da Igreja às vésperas do Concílio.

2.2 PERÍODO PREPARATÓRIO: 1960-1962

À fase antepreparatória seguiu-se a fase propriamente preparatória do Concílio; com o *motu proprio Superno Dei nutu*, de cinco de junho de 1960, o Papa confiou a tarefa de preparação dos esquemas de trabalho a apresentar ao Concílio às onze Comissões preparatórias do Concílio (ALMEIDA, 2015, p.31) e uma Comissão Central. Foram ainda instituídos três secretariados.

A Comissão Central preparatória teve sua primeira reunião de junho de 1961 a junho de 1962. Presidida pelo Papa, que participava com frequência das sessões e estava sendo assistido por um secretário, a Comissão era composta pelos presidentes das comissões preparatórias, patriarcas orientais católicos, presidentes das conferências episcopais nacionais, ou na falta deles, um bispo representando cada país ou grupo de países pequenos, e pelo primaz dos beneditinos, pelos gerais dos jesuítas, franciscanos, dominicanos; ao todo 85 membros. A Comissão Central examinava o projeto de regulamento do Concílio, sobretudo os esquemas elaborados pelas comissões preparatórias.

2.2.1 Comissão Teológica Preparatória

A Comissão teológica preparatória era presidida pelo cardeal secretário da Sagrada Congregação do Santo Ofício, Alfredo Ottaviani, o qual era assistido por um secretário, Padre Sebastianus Tromp, jesuíta, que, mediante as propostas vindas dos *vota*, elabora treze pontos (BETTI, 1965, p. 136) que embasarão o esquema sobre a Igreja.

A Comissão teológica preparatória constituía um grupo numeroso formado de subcomissões internas, de acordo com o tema a trabalhar. Uma dessas subcomissões ficou encarregada de estudar o tema da Igreja, a subcomissão *De Ecclesia*, que também foi incumbida de redigir o esquema correspondente a partir dos treze pontos organizados, depois de sucessivos ensaios, em onze capítulos. Essa foi a origem do primeiro esquema eclesiológico, a Constituição *De Ecclesia*. O décimo segundo capítulo chamava-se *De Beata Virgine Maria*, e inicialmente foi separado do esquema sobre a Igreja, assim formando um esquema à parte. Mas, a pedido da Comissão dos Religiosos foi acrescentado um capítulo sobre os estados de perfeição⁶, e é deste capítulo que surgirá, posteriormente, aquele a respeito da vocação à santidade na Igreja, porque se fazia uma referência à santidade para todos os cristãos.

Enquanto isso, na mesma Comissão, antes da abertura do Concílio, foi estudado o esquema *De Ecclesia*, que foi revisto depois pela Comissão central. Posteriormente ampliada, a Comissão Teológica chegou ao número de setenta membros e consultores. Assim, o conteúdo do esquema da Comissão teológica, sob a responsabilidade do secretário Padre Tromp, teve a seguinte estrutura: o primeiro capítulo sobre a natureza da Igreja militante; o segundo sobre os membros da Igreja militante e da necessidade dela para a salvação; o terceiro sobre o episcopado como grau supremo do sacramento da ordem e do sacerdócio; o quarto sobre os bispos residenciais; o quinto sobre os estados de perfeição evangélica; o sexto sobre os leigos; o sétimo sobre o magistério da Igreja; o oitavo sobre a autoridade e da obediência na Igreja; o nono sobre as relações entre Igreja e Estado; o décimo sobre a necessidade para a Igreja de anunciar o Evangelho a todos os povos e

⁶ O título do capítulo é *De statibus evangelicae acquirendae perfectionis*.

sobre toda a terra; o décimo primeiro sobre o ecumenismo. Como anexo, o esquema sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria (*De Beata*).

Como se percebe, o tema da vocação universal à santidade não aparece no primeiro esquema *De Ecclesia*, ou seja, não há nenhuma referência explícita ao assunto. Contudo, a gênese da problemática surge com a inclusão do quinto capítulo sobre os estados de perfeição (DUQUE, 1966).

2.3 PERÍODO CONCILIAR: 1962-1965

Com o início de o período conciliar, as Comissões preparatórias cessaram de existir. A comissão, agora conciliar, chamada Comissão Teológica, continua com o mesmo presidente da Comissão Teológica Preparatória, o cardeal Ottaviani, e o mesmo secretário, Padre Tromp, e tem como vice-presidente o Cardeal Browne. O Concílio é aberto solenemente no dia 11 de outubro de 1962 proferindo o papa São João XXIII o discurso inaugural que traçava as grandes linhas do Concílio. No que diz respeito ao tema da pesquisa o discurso do papa refere à santidade cristã quando aborda que a doutrina cristã:

“[...] manda-nos tender para a pátria celeste. [...] que todos os homens têm o dever de tender sem descanso, durante toda a vida, para a consecução dos bens celestiais, e de usarem só para este fim os bens terrenos sem que seu uso prejudique a eterna felicidade. [...] Na realidade, sempre existiram e existem ainda, na Igreja, os que embora procurem com todas as forças praticar a perfeição evangélica, não se esquecem de ser úteis à sociedade. [...] a Igreja [...] comunica [...] os bens da graça divina, que, elevando os homens à dignidade de filhos de Deus, são defesa poderosíssima e ajuda para uma vida mais humana; abre a fonte da sua doutrina vivificante, que permite aos homens, iluminados pela luz de Cristo, compreender bem aquilo que eles são na realidade; a sua excelsa dignidade e o seu fim; e mais, por meio dos seus filhos, estende a toda parte a plenitude da caridade cristã, [...] (JOÃO XXIII, 1997).

A questão da Igreja foi trabalhada durante as três sessões do Concílio, e o tema da vocação à santidade para todos surgiu no período intersessional, mas foi discutido e votado na segunda e terceira sessões.

2.3.1 Primeira sessão (11 de outubro de 1962 – 8 de dezembro de 1962)

O esquema de Constituição dogmática *De Ecclesia*, preparado pela Comissão teológica preparatória e aprovado pela Comissão central preparatória, é distribuído aos padres conciliares a 23 de novembro de 1962, e eles o debatem brevemente entre a 31ª à 36ª Congregação Geral, que são as últimas Congregações da primeira sessão. O esquema teve a intervenção de 76 padres. Alguns padres conciliares fizeram intervenções muito críticas e violentas ao esquema *De Ecclesia*, por ser unilateral, moralizador, estático, apologético, jurídico, escolástico, não ecumênico e nada pastoral, outros, segundo Kloppenburg (1963, p. 231), fizeram elogios. No entanto, só há uma intervenção dos padres conciliares, na primeira sessão do Concílio, a respeito da santidade que é a do Cardeal Ritter, arcebispo de St. Louis, Estados Unidos, que faz uma referência à santidade dizendo “[...] pouco ou mesmo nada ensina sobre a santidade” [...] (KLOPPENBURG, 1963, p. 233).

Em geral, esse projeto não foi votado nem aceito pelos padres conciliares para ser discutido em outras sessões. Portanto, houve a necessidade urgente de reelaborar o esquema *De Ecclesia* na linha do discurso inaugural do Concílio.

2.3.2 Intersessão de 1962 – 1963

Na primeira intersessão, a Comissão Teológica se reúne várias vezes para trabalhar o esquema *De Ecclesia*. Agora, a comissão está subordinada à Comissão de coordenação que supervisionava e coordenava os trabalhos de todas as comissões; instituída pelo papa, em 17 de dezembro, a Comissão era presidida pelo novo secretário de Estado, o cardeal Gicognani.

Enquanto isto, muitos esquemas novos surgiram com a preocupação de reduzir os capítulos, centralizando a Igreja, a hierarquia, os leigos, e os estados de perfeição. Além disso, as intervenções escritas durante os debates das sessões da Comissão Teológica, como as observações dos padres conciliares, somaram-se na reelaboração do projeto eclesiológico.

A Comissão de coordenação constitui também uma subcomissão, dita Subcomissão *De ecclesia*, para revisar o esquema envolvendo representantes de outras comissões com temas relacionados ao *De Ecclesia* e, a seguir, ser examinado pela Comissão Teológica.

A Subcomissão *De Ecclesia* recebe a sugestão da Comissão de coordenação para refazer o antigo esquema, mas a Subcomissão *De Ecclesia* decidiu partir de um esquema que circulava no primeiro período do Concílio, que estava sob os cuidados do Cardeal Suenens, e elaborado por Monsenhor Gerard Philips, chamado “esquema Philips”. O esquema, também chamado belga, era composto por quatro capítulos: sobre o mistério da Igreja, sobre a hierarquia e em particular o episcopado, sobre os leigos, e sobre os estados de perfeição.

O novo esquema foi submetido ao exame da Comissão Teológica que aprovou todos os capítulos, exceto o quarto, antes era o quinto capítulo do primeiro esquema da Igreja, passa a ser agora o quarto capítulo, que sofre uma mudança capital, ou seja, de “Estados de perfeição evangélica” para “A vocação à santidade na Igreja”. Embora o capítulo tivesse sido antes aprovado pela Subcomissão mista (teológica e dos religiosos), que tinha incluído no texto pela primeira vez a afirmação da perfeição da caridade a qual todos são chamados, o que foi um grande insight para o novo capítulo modificado (DUQUE, 1966). Agora seu objeto não é mais os estados de perfeição, mas a vocação à santidade em geral. Pela primeira vez se faz uma referência à vocação de todos para perfeição da caridade, com o intuito demonstrar que o chamado à santidade não era exclusividade dos religiosos. Parece que os religiosos não gostaram desse acréscimo, o que resultará na futura separação em dois capítulos.

O esquema foi submetido à Comissão de coordenação, então, sendo aprovados os quatros capítulos, mas quanto ao terceiro capítulo, que tratava sobre o Povo de Deus e especialmente dos leigos, foi feita a proposta de ter dois capítulos: o primeiro sobre o Povo de Deus em geral e o segundo sobre os leigos em particular, deixando aos padres conciliares decidirem a divisão dos capítulos. No entanto, se deve ao cardeal Suenens, primaz da Bélgica, membro da Comissão de coordenação, as recomendações feitas ao esquema preparatório do capítulo terceiro sobre os leigos e o capítulo quarto sobre os estados de perfeição, de ampliar este último, para a vocação à santidade de todos os cristãos (ALBERIGO, 2000).

A formação do segundo esquema *De Ecclesia* foi à seguinte: o primeiro capítulo sobre mistério da Igreja; o segundo capítulo sobre a estrutura hierárquica da Igreja e em particular o episcopado; terceiro capítulo sobre o Povo de Deus e especialmente os leigos; quarto capítulo sobre a vocação à santidade na Igreja ou religiosos. O novo esquema começa, em sua introdução, com as palavras *Lumen*

gentium. Portanto, é este esquema que será discutido pelos padres conciliares, na segunda sessão do Concílio.

As breves considerações históricas aqui feitas levam à conclusão de que do capítulo quinto sobre os estados de perfeição, no esquema preparatório *De Ecclesia*, ao capítulo quarto sobre a vocação à santidade na Igreja, agora do novo esquema *De Ecclesia*, houve um salto significativo, em pouco tempo. O capítulo quinto que tratava sobre “os estados para adquirir a perfeição evangélica” que possuía uma conotação mais jurídica passa ao horizonte da vocação universal à santidade de todos os cristãos. Recomendação do Cardeal Suenens que foi bem acolhida na Comissão coordenadora (ALBERIGO, 2000). Nota-se, uma evolução do capítulo, que a partir de agora, tem uma importância considerável, já que recebe três parágrafos sobre a vocação universal à santidade, sem contar com o próêmio.

Ademais, com a inclusão do tema da vocação universal à santidade não apenas o esquema foi modificado, mas foi abordado com uma nova mentalidade. Então, quando se tratou dos conselhos evangélicos se abriu uma visão à vocação à santidade para todos os cristãos, razão de ser Igreja.

Assim, a revisão do novo projeto sobre a vocação à santidade na Igreja tem como ponto de partida as obras de Gustave Thils⁷. Enfim, o texto vai constituir a primeira seção do capítulo quinto, de três parágrafos, deixando o texto antigo para a segunda seção constituindo quatro parágrafos sobre os estados de perfeição (ALBERIGO, 2000).

2.3.3 Segunda sessão (29 de setembro de 1963 – 4 de outubro de 1963)

A segunda sessão foi aberta pelo Beato Paulo VI que dava, em seu discurso inaugural, as linhas gerais para a reforma da Igreja, com ênfase ao episcopado.

O novo esquema sobre a Igreja foi apresentado pelo cardeal Ottaviani e brevemente explicitado pelo cardeal Browne, em 30 de setembro, dando início os debates até 31 de outubro. Porém, o capítulo quarto sobre a vocação de todos à santidade foi debatido nos dias 25 e 31 de outubro, ou seja, na 56^a à 59^a Congregação Geral. Mas, na discussão conciliar a respeito do capítulo terceiro sobre

⁷ Gustave Thils, nasceu em Etterbeek-Bruxelas, em 1909. Foi padre, teólogo, professor, conferencista e perito do Concílio Vaticano II. Publicou muitas obras. Viveu muito discretamente falecendo em 2000 em Lovaina.

os leigos há algumas menções dos padres conciliares sobre a vocação de todos à santidade, propondo o tema do Povo de Deus como segundo capítulo, inserindo nele o tema da vocação à santidade, o que não vai ser aprovado.

De modo geral, os padres conciliares discutiram a respeito do tema da vocação à santidade na Igreja, e os pontos do debate foram os seguintes: vocação universal à perfeição cristã como tendência à santidade; conceito de santidade não no sentido unilateral, moralizador, estático e ético, mas como dom de Deus e dinâmico; a santidade não só em relação à caridade, mas à fé e à esperança; santidade da Igreja como fonte para os fiéis; a vocação à santidade é comum a todos; deveres de tender à santidade; a vocação à santidade vale também para todo o povo de Deus; confusão de elementos teológicos e jurídicos no texto do esquema; nenhuma definição bíblica da santidade; nada em relação aos santos; distinguir a vocação à santidade perfeita em relação ao dever; todos os cristãos são convidados para a santidade; variedade de caminhos para a santidade; universalidade da vocação à santidade; obrigação de tender à santidade, comum a todos; a santidade não simplesmente como exercícios das virtudes, mas ver as dificuldades para a perfeição; a santidade em relação aos pobres e operários; tratar mais do amor de Deus e do próximo; diferença de graus de santidade; sem definição de santidade etc. Mas, a intenção generalizada⁸ era da opinião pela mudança da estrutura do capítulo: que o tema da vocação de todos à santidade fosse incluído no novo capítulo do Povo de Deus, em preparo, o que não aconteceu, e que se tratasse separadamente dos Religiosos (KLOPPENBURG, 1964). Enfim, a crítica maior era em relação ao conceito de santidade sem partir das Escrituras, enfatizando uma santidade ética em detrimento a santidade ôntica (PHILIPS, 1968.).

Surgiram numerosíssimas emendas verbais e escritas, por isso deveu ser revisto o esquema pela Comissão Teológica. Após o debate da aula conciliar sobre o esquema *De Ecclesia*, sem ainda terminar a segunda sessão, formaram-se diversos grupos de estudos, e uma Subcomissão Central foi constituída, encarregada de preparar e coordenar o trabalho de revisão de diferentes partes do esquema. Formaram-se oito comissões particulares, recebendo cada uma um capítulo ou parte do capítulo, incluindo o da Bem-Aventurada Virgem Maria que foi

⁸ Segundo Kloppenburg (1964, p. 224) estão os bispos Pacífico Perantoni, Jocundo Grotti, o ministro geral dos franciscanos Agostinho Sępinski.

inserido ao esquema eclesiológico, para revisão do texto do esquema debatido. Assim, os textos revistos deveriam passar à Subcomissão Central, antes de serem submetidos à Comissão Teológica plenária. Enfim, deviam ser transmitidos à Comissão de coordenação e estar, portanto, aptos a chegar à próxima aula conciliar.

2.3.4 Intersessão de 1963 – 1964

Na segunda intersessão, as subcomissões trabalharam com muita pressa nas revisões dos capítulos. A subcomissão encarregada da revisão do capítulo quarto, sobre a vocação à santidade, propõe subdividir o capítulo em dois. Mas, na verdade decidem por duas seções distintas: a primeira sobre a vocação à santidade em geral, a segunda sobre a profissão dos conselhos evangélicos no estado religioso. O título do capítulo que vai ser o quinto do esquema fica como a vocação à santidade na Igreja e os religiosos. Os elementos novos enfatizam o apelo de todos os estados de vida em adquirir a perfeição cristã, e a importância do estado religioso na vida da Igreja.

Segundo o trabalho de Almeida (2015) o texto destaca o valor ontológico e teológico da santidade, trabalha a unidade da santidade na diversidade, a obrigatoriedade da santidade, e os conselhos evangélicos que pertencem à santidade da Igreja, mas há uma categoria especial na Igreja para vivê-los.

Enfim, após o esquema ter passado pela Subcomissão Central é examinado pela Comissão Teológica. No que diz respeito ao capítulo quinto são feitas algumas inversões de números, o que deixa aos padres conciliares a decisão de transformar a segunda seção em um capítulo. A Comissão de coordenação faz imprimir o esquema que vai ser distribuído aos padres conciliares que fica assim composto: o primeiro capítulo sobre o mistério da Igreja; o segundo capítulo sobre o povo de Deus; o terceiro capítulo sobre a constituição hierarquia da Igreja e em particular sobre o episcopado; o quarto capítulo sobre os leigos; o quinto capítulo ou seção A sobre a vocação à santidade na Igreja; o sexto capítulo ou seção B sobre os religiosos; o sétimo capítulo sobre o caráter escatológico da Igreja peregrinante e sobre sua união com a Igreja celeste; oitavo capítulo sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja. Enfim, o esquema eclesiológico revisto e modificado chega à aula conciliar para ser debatido e votado.

2.3.5 Terceira sessão (14 de setembro de 1964 – 21 de novembro de 1964)

A terceira sessão inicia com o esquema sobre a Igreja, sendo debatidos os dois últimos capítulos, ou seja, o capítulo sobre a relação entre a Igreja peregrinante e Igreja celeste e o capítulo sobre a Virgem Maria; os demais capítulos deveriam ser votados e modificados se fosse preciso de acordo com o voto. Assim, cada capítulo foi aprovado pelos padres conciliares quase por unanimidade (KLOPPENBURG, 1965).

Em relação ao capítulo quinto, os padres conciliares decidiram que a segunda seção que tratava sobre os religiosos se tornaria o capítulo sexto. Assim, optou-se por introduzir no esquema sobre a Igreja um novo capítulo sobre os religiosos, em 30 de setembro de 1964, na 91ª congregação geral. Portanto, é evidente que a vida religiosa não se baseia na hierarquia, mas faz parte da estrutura carismática da Igreja.

Após a votação de cada capítulo se reviu o texto do esquema sobre a Igreja, com especial atenção às emendas ou observações que são chamadas de *modi*, ou seja, propostas e sugestões dos padres conciliares que tinham respondido *placet juxta modum*.

No entanto, uma subcomissão avaliou os *modi* sob os cuidados da Comissão Teológica. Assim, no que diz respeito ao capítulo quinto que recebeu doze emendas foram aprovadas em 17 de novembro com seguinte resultado: sobre 2.145 votantes, houve 2.141 *placet* e apenas 4 *non placet*.

Após a votação final de todo o esquema, o Papa Paulo VI promulgou solenemente em 21 de novembro de 1964, a Constituição Dogmática *Lumen gentium*.

2.4 A VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE NA IGREJA

O chamado de todos à santidade, um dos temas da *Lumen gentium*, é uma afirmação das mais tradicionais, concomitantemente das mais novas do Concílio Vaticano II. Os primeiros cristãos entendiam que sua vocação era um chamado à santidade (Rm 1,7; 1Pd 1,16; Tg 1,4), como Concílios e Papas sempre reafirmaram a vocação comum à santidade, mas São Francisco de Sales, “Doutor da Perfeição”

(LECLERQ, 1957, p. 8) foi quem mais se destacou ao instigar esta afirmação aos seus contemporâneos. De acordo com Labourdette (1965):

[...] a “Introdução à vida devota”, onde São Francisco de Sales pretendia que nenhum estado, nenhuma condição de vida, em pleno centro do mais profano dos mundos (a menos que seja desonesta por si mesma) exclui o esforço de uma vida que tenha por meta a santidade. A repercussão do livro evidencia a que ponto a consciência cristã nele se reconheceu; mas este reconhecimento não foi feito sem surpresa.

Por fim, o Concílio Vaticano II dedicou um capítulo denso ao fato de que todos os discípulos e discípulas de Cristo de qualquer condição e de qualquer estado que seja, cada um seguindo o caminho que lhe é próprio, são chamados à santidade. Segundo Almeida (2005, p. 219), “*Lumen gentium* não tem um capítulo sobre a finalidade da Igreja, isto é, sobre a missão. Mas tem um tratado sobre o núcleo da missão: levar os seres humanos e os cosmos à comunhão com Deus e à comunhão entre si (santidade)”.

O capítulo quinto abrange os quatro parágrafos que correspondem aos números 39 a 42 da constituição *Lumen gentium*. O primeiro é como um proêmio ou uma introdução subtitulada “A santidade na Igreja”, seguido dos parágrafos “A vocação universal à santidade”, “Multiforme exercício da única santidade” e “Caminhos e meios à santidade”. E, como um todo, *Lumen gentium* é formada sobre uma base bíblica, patrística e ecumênica, igualmente o quinto capítulo não podia deixar ter estes mesmos aspectos. Ademais, a Constituição está bem articulada entre os seus capítulos. De acordo com Moeller (1965, p. 160) contém a *Lumen gentium* três eixos eclesiológicos, a saber: o eixo da Igreja como mistério, sinal da unidade, o eixo das estruturas hierárquicas da Igreja: o leigo e o ministro, e o eixo da santidade. Sabe-se que a vocação à santidade é tema derivado do segundo capítulo da Constituição, afirmando que “[...] todos os cristãos, qualquer que seja a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor a procurarem, cada um por seu caminho, a perfeição daquela santidade pela qual é perfeito o próprio Pai celeste” (LG 11). No capítulo terceiro afirma “[...] que todos os homens alcancem a salvação pela fé, pelo batismo e pela observância dos mandamentos (cf. Mt 28,18-20; Mc 16, 15-16; At 26,27) (LG 24)”. Em referência aos leigos no capítulo quarto diz que “[...] na Igreja, nem todos caminham pela mesma via, ainda assim, todos são chamados à santidade [...]” (LG 32). Quanto aos religiosos, no capítulo sexto, diz a Constituição

que “A profissão dos conselhos evangélicos aparece, portanto como sinal, que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja a cumprirem com diligência os deveres da vocação cristã” (LG 44). No capítulo sétimo diz que pela graça de Deus se adquire a santidade em vista da consumação (LG 48), e no capítulo oitavo que Maria é “[...] membro supereminente e absolutamente singular da Igreja” (LG 53), por conseguinte “[...] adornada [...] com esplendores de santidade [...]” (LG 56).

A santidade da Igreja é sua própria vida. O lugar do Espírito Santo é no coração das realidades eclesiais como nos sacramentos, nos ministérios ou na vivência própria do Evangelho, pois o princípio da vida da Igreja está no Espírito Santo que comunica a santidade. A Igreja é habitada por um mistério de vida e de santidade. A Igreja está em constante dinamismo, cujo agente é o Espírito Santo. A *Lumen gentium* remete ao coração da teologia da Igreja como mistério, mistério do caminho e da realização do plano de Deus na humanidade.

Inicia-se o proêmio, o parágrafo de número 39, com uma afirmação de fé de que a Igreja é santa porque Cristo entregou a sua vida na cruz por amor à Igreja, para santificá-la. Parte-se do primado da santidade que é um atributo de Deus e do amor de Cristo. Muitos são chamados a viver da sua plenitude da graça, da vida cristã, e da santidade. Assim, como o quinto capítulo e toda estrutura interna da constituição *Lumen gentium* parte da realidade de que a Igreja é mistério, em conexão ao desígnio divino da salvação e santificação, numa perspectiva trinitária, a Igreja tem como finalidade a santidade. Enfim, a santidade é obra da Santíssima Trindade e a Igreja é fonte de santidade, e o chamado brota desta realidade misteriosa. A santidade é trinitária (PELL, 2014).

A santidade, como dom a Igreja, constitui uma dimensão pneumática na Igreja, ou seja, em relação a uma eclesiologia pneumática (a Igreja é mais pneumática do que jurídica), porque o Espírito Santo enviado pelo Pai, em Pentecostes, para santificar os homens e mulheres, chama-os a ser Igreja. O Espírito Santo também é dom de Cristo à Igreja constituindo radicalmente a sua santidade ôntica e impelindo-a a uma santidade moral ou perfeição cristã, isto é, santidade moral é posse da e resposta à santidade ôntica. É, portanto, missão do Espírito Santo que, pelo dom da graça anima pelo interior os discípulos e discípulas do Cristo para que suas vidas sejam uma vida de caridade.

De acordo com Virgilio (2014) a atual redação enfatiza a “santidade” mais do que “perfeição”. Tal ênfase permite compreender melhor a relação da graça que os

fiéis experimentam no encontro com Deus, “o único santo”, enquanto a ideia de perfeição indica o dinamismo espiritual do ponto de vista ascético-moral. Deste modo, tem-se a ideia de que o estado de perfeição não é exclusivo da vida religiosa consagrada, mas pertence a todos os batizados que participam plenamente da “vocação à santidade”, cada um em seu estado de vida. O capítulo quinto reafirma que tal vocação universal acontece “na Igreja”. Esta ênfase recorda que a santidade não considera só a esfera individual, mas se liga necessariamente à santidade de Cristo e da Igreja (HENN, 2014).

A santidade de vida abunda na Igreja como afirma o Concílio:

esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta e deve manifestar-se nos frutos de graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em todos aqueles que, em harmonia com seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, [...] (LG 39).

Portanto, a santidade constitui um dos eixos (MOELLER, 1965), fundamentação ou razão da constituição *Lumen gentium*, assim não se poderia ser considerada nunca como um dos temas secundários da constituição eclesiológica. É antes elemento essencialmente eclesial, ou seja, pertence à vida da Igreja como desejou o Senhor. E se manifesta em frutos de graça entre os fiéis. Também afirma Amarante (2014) que a reflexão em torno da santidade é um tema central, desde o início da Igreja, uma vez que afeta a prática da vida cristã que dá sentido a toda a vida do fiel.

Além disso, é na consagração batismal que se fundamenta e se exprime a vocação à perfeição cristã, porque comporta o dom de uma graça, que é a manifestação dessa exigência e que assegura a possibilidade de sua realização. Esta vocação à santidade é essencial a todo cristão. Por isso, é necessário distinguir a chamada santidade ontológica da santidade moral, a qual tem sua base na primeira. Dizer que Deus é “Santo”, no sentido bíblico, é dizer que Deus é outro. Deus não é feito à imagem do homem. Pelo contrário, a Bíblia diz: é o homem e mulher que foram criados “à imagem de Deus”. Isto significa que se deve permanecer muito modesto e prudente quando se fala de Deus. Porque Deus é outro, sendo irremediavelmente impossível imaginar como Ele é; as palavras humanas não conseguem dar conta de expressá-Lo. Porém, Deus está muito próximo da humanidade. A santidade não é um conceito moral ou mesmo apenas

um atributo de Deus, é a sua própria natureza. O adjetivo “divino” não existe em hebraico, e é substituído pela palavra “Santo”, o que não se pode alcançar pelo ser humano, que transcende infinitamente, até o ponto que não se pode apreender por conta própria sobre Ele. É o que refletiu o profeta Oséias: “Eu sou Deus, não um ser humano, sou o Santo no meio de ti” [...] (Os 11,9). Por esta razão, na Bíblia, nenhum ser humano é considerado santo, no máximo por ser “santificado” por Deus e, portanto, refletir a sua imagem, que é sempre a vocação final do ser humano.

Assim, primeiro há a santidade ontológica, porque vem de Deus, já que é “o único Santo”, depois segue a moral, já que Deus purifica o homem e justifica-o dos pecados e vivifica n’Ele, pelo Cristo, aqueles que se põem no caminho de santificação fugindo da malícia do mundo na misericórdia de Deus. Assim, os cristãos que são santos por chamado divino (Rm 1,7) testemunham a fé nos frutos do batismo, e proclamam que a condição cristã obriga à santidade (cf. Ef 5,3; Rm 16,2). De acordo com o trabalho de Almeida (2012, p. 40) a “[...] santidade, portanto, não é somente uma realidade ontológica, mas, por seu próprio dinamismo, incessantemente se manifesta e deve manifestar-se nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis”. Portanto, é da santidade propriamente moral que a constituição dogmática trata indicando os seus progressos na consagração batismal.

Ao fim do parágrafo 39 da *Lumen gentium*, faz-se uma breve referência aos conselhos evangélicos que serão comentados mais adiante.

O número 40 possui o núcleo de todo o quinto capítulo que consiste na concepção de santidade em geral como na obrigação de cada um na Igreja de tender a santidade (DUQUE, 1966, p. 745), ou seja, viver a vocação ao amor de Deus e do próximo. De fato, todos os elementos concernentes à vocação universal à santidade se relacionam, em resumo, com a possibilidade de que todos possam alcançar a santidade, e na obrigação de cada um de tender para ela. Por isso, a solução desses dois princípios capitais que reafirma o Concílio depende da concepção que se tem da santidade.

E pergunta-se: qual o conceito de santidade na Constituição dogmática *Lumen gentium*? De princípio, não se define categoricamente a santidade, mas que Cristo ensinou a santidade, e que diz respeito a todos, como afirma texto conciliar: “O Senhor Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição que fossem, a santidade de vida, [...]” (LG 40). É impossível aos seres humanos possuir recursos e forças para

santificar-se; o próprio Deus, que é Santo, pode santificar, e em Jesus, oferece abundantemente, a cada um, os meios para que se santifique, e Cristo é o modelo de santidade. Ele é o único acesso do homem à perfeição para ser como o Pai, na ação do Espírito Santo, para amar a Deus e ao próximo. Portanto, a santidade foi desejada pelo Pai, por, com e em Jesus Cristo, que é “mestre e modelo” único (Mt 23, 8) que convida a ser santo.

O número 40 citado da *Lumen gentium* continua ainda afirmando que não é apenas esforço humano, quando diz que:

os seguidores de Cristo, que Deus chamou e justificou no Senhor Jesus, não pelos seus méritos, mas por seu desígnio e sua graça, foram feitos no batismo da fé verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina, e por isso mesmo verdadeiramente santos.

É significativo este ensinamento conciliar sobre santidade como a plenitude da graça recebida no batismo. Os que têm fé em Cristo são efetivamente chamados a ser santos porque é consagrado a Deus mediante o batismo. Não pelos méritos pessoais, mas, sobretudo, por vontade e graça de Deus, como escreve o apóstolo agradecendo “[...] a Deus continuamente [...], pela graça divina que [...] foi dada em Cristo Jesus” (1Cor 1,4). É a graça de Deus que justifica e santifica cada um que crê, pelos méritos de Jesus Cristo.

Segundo Henn (2014) este parágrafo inclui um pensamento significativo no contexto ecumênico afirmando a justificação pela graça e não pela obra, tese tão cara à reforma protestante.

Assim, o chamado à santidade diz respeito a todos os batizados, que são auxiliados pela graça de Deus para conservar e aperfeiçoar na vida a santidade que receberam como dom no batismo. Embora, muito felizmente, a constituição saliente que a santidade é recebida de Deus, mas devem aqueles que a receberam se esforçar para guardá-la; embora seja um dom de Deus, é uma resposta humana o viver a santidade e sua perfeição, em união a Cristo, ou seja, em ser Cristo, como se percebe adiante nos parágrafos do capítulo quinto da *Lumen gentium*, enfatizando a santidade dos indivíduos e seus esforços⁹.

⁹ Cf. Na encíclica *Ecclesiam suam*, nos números 20 e 21, Paulo VI faz uma interpretação da perfectibilidade dos cristãos. Aliás, toda a encíclica é uma interpretação das intenções do Concílio, em particular da *Lumen gentium*, dimensionadas pela categoria teológica do *salutis colloquium* (diálogo de salvação).

Outro aspecto a ser considerado com relação à vocação universal à santidade na Igreja é que tal vocação surge a partir do batismo, porque a filiação, que é o poder que Deus dá de se tornar filho de Deus participando na própria natureza d'Ele, acontece pela graça e começa com o batismo, mas só se consuma e se torna definitiva na glória do Céu. Por isso, a santidade cristã não é ponto de chegada, mas sempre de partida. É um esforço para viver a santidade como um dom recebido numa resposta humana de crescer apesar das faltas, já que a semelhança com Deus se perdeu com o pecado, por isso necessita sempre da misericórdia divina. Em suma, os cristãos, por mais que sejam santos, não são mais que homens e mulheres pecadores que se deixam santificar por Deus e que se deixam amar por Ele, são pecadores amados, por isso, santos.

O texto conciliar evita falar em pecado. O centro do cristianismo nunca foi o pecado, embora se costumasse apresentar de modo generalizado o esquema paraíso-queda/pecado, e, por fim, redenção, ficando muito complexo apresentar a santidade como vocação. Mas, quando se centraliza no amor de Deus que acolhe o pecador e o ama, pode-se pensar na santidade como a vocação primeira de todo cristão.

Ademais, a prova do amor infinito de Deus é Cristo na cruz que profere as palavras supremas de perdão: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!”. (Lc 23,34). E deixa como ensino: “[...] amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34). Felizmente, os homens e mulheres não são abandonados às suas próprias forças, já que Deus lhes transmitiu seu Espírito (cf. Rm 5,5).

Vocação universal à santidade, à perfeição da vida em Cristo na Igreja, é o ponto central de todo o capítulo quinto ou a própria concepção conciliar de santidade quando afirma que “[...] todos os fiéis, seja qual for o seu estado ou classe, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LG 40). É simplesmente a vocação do batizado ao amor. Primeiramente, o Concílio reafirma a universalidade da vocação à santidade, e depois se conceitua basicamente a santidade ao deduzi-la como “plenitude da vida cristã” e “perfeição da caridade”. O texto conciliar cita três documentos do Papa Pio XI, entre eles, a encíclica *Rerum omnium*, escrita em 26 de janeiro de 1923, dedicada a comemorar o terceiro centenário da morte de São Francisco de Sales, precursor da universalidade da

vocação à santidade e doutor da perfeição cristã: o santo de Annecy destaca, sobretudo, a vocação universal à perfeição cristã¹⁰. Esta encíclica primeiramente foi citada no segundo esquema *De Ecclesia* (ACTA SYNODALIA, II I, 1971, 275); além disso, indicada na intervenção de Dom Artur Tabera Araoz, bispo de Albacete, na Espanha, na 51ª Congregação Geral do Concílio (ACTA SYNODALIA, II III, 1972, 74).

Continua o número 40 da *Lumen gentium* a frisar que todos os batizados são chamados à santidade, que, como dom recebido, tende para a perfeição do amor de Deus: é uma santidade de amor. Mas, a perfeição cristã é um discipulado a Cristo (HENN, 2014), que a todos convida a tender e doa as forças para o aperfeiçoamento do amor naquele que recebeu o convite.

E logo acrescenta que a santidade nada tira do humano, mas ao contrário, incrementa-o na comunidade civil, ou seja, sua presença no mundo é um benefício, porque proporciona à sociedade um modo de vida mais humano produzindo “[...] abundantes frutos, como o demonstra brilhantemente, através da história da Igreja, a vida de tantos santos” (LG 40).

O número 41 diz que não há muitas santidades na Igreja, mas a mesma santidade na diversidade. Afirma a Constituição Dogmática:

uma mesma santidade é cultivada por todos aqueles que, nos vários gêneros de vida e nas diferentes profissões, são guiados pelo Espírito de Deus e, obedecendo à voz do Pai e adorando-o em espírito e verdade, seguem a Cristo pobre, humilde e carregado com a cruz, para merecerem participar da sua glória. Cada um, segundo os dons e as funções que lhe

¹⁰ “São Francisco de Sales dado, por especial desígnio de Deus, à Igreja, a fim de combater, com o exemplo de sua vida e a autoridade de sua doutrina, um preconceito [...], a saber, que a verdadeira santidade, segundo os ensinamentos da Igreja, não esteja ao alcance das nossas forças ou, pelo menos, tão difícil de conseguir que transpõe o nível comum dos fiéis, estando apenas reservada a um pequeno número de pessoas dotadas de espírito e ânimo superiores, e que ela implique tanto tédio e aborrecimento que se torna absolutamente incompatível com a posição que os homens e as mulheres ocupam na vida comum do mundo”. E continua o papa “[...] para que os fiéis bem compreendam que a santidade de vida não é privilégio reservado a poucos, com exclusão dos demais, mas acessível a todos, [...]”. ‘Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1Ts 4,3); e Jesus Cristo mesmo indicou a qualidade dessa santificação, dizendo: ‘Sede, pois, perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito’ (Mt 5,48). Ninguém julgue que este convite seja dirigido apenas a um número reduzido de almas privilegiadas e que os demais se possam contentar com um grau inferior de virtude. Pelo contrário, como se deduz do teor das palavras acima citadas, a lei abrange a todos e não admite exceção; além disso, a extraordinária multidão de almas de todas as condições e idades, [...]”. Segundo o papa, São Francisco de Sales ensina: “[...] elevar-nos, pouco a pouco, para o céu, com leve esforço, à maneira de pombas, se não nos é dado imitar o vôo majestoso das águias, o que quer dizer que podemos alcançar a santidade, seguindo pela estrada comum, quando não formos chamados a uma perfeição extraordinária”.

foram confiados, deve enveredar sem hesitação pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera pela caridade (LG 41).

A unidade da vocação à santidade em Cristo é para todos, porém cada um vive de acordo com suas circunstâncias concretas de vida e de profissão, de formação, cultura, trabalho, em resposta livre à graça de Deus. A santidade é uma, porém diversa em modos de viver. Portanto, há uma só e mesma santidade; no entanto, múltipla segundo as distintas situações sociais e de relação pessoal com Deus em Cristo.

A santidade de Deus é exclusiva a todos os fiéis que são chamados a participar dela¹¹, já que é uma dádiva em Cristo, à qual cada um é chamado a responder, dentro de sua condição e categoria de vida. Assim, na variedade dos deveres, todos devem tender àquela perfeição do amor. Mas, cada um tem a sua função específica, permanecendo as distinções entre leigo e ministro ordenado, bem como entre o religioso e o que não professa os conselhos evangélicos. Além disso, dentro da Igreja existe a diversidade de serviços e carismas.

Em outras palavras, nem todos alcançam a santidade da mesma maneira, aqui está uma redescoberta nova e extraordinária. Há muitos modos de viver a única santidade na Igreja. Não são várias espécies de santidade, mas uma mesma santidade em diferentes modos de vida cristã. Entre as várias categorias de cristãos, o Concílio refere desde os ministros ordenados até aos leigos, em particular os cônjuges e pais cristãos, e lembra que todos se santificam em suas tarefas quotidianas. Pela Trindade, todos os fiéis são convidados a encarnar o evangelho em todos os estados e em todas as profissões. É a mesma santidade diversificada na resposta particular de cada tipo de cristão. As categorias de cristãos são tratadas na mesma constituição dogmática, nos capítulos terceiro e quarto, já que o capítulo sexto é reservado aos fiéis que fazem profissão pública dos conselhos evangélicos. No entanto, a vocação universal à santidade não significa depreciar o estado religioso, quando é lembrada aos leigos a santidade e perfeição do Evangelho. Portanto, cada uma das categorias de cristãos faz distinção das exigências próprias vivendo a única santidade.

¹¹ A santidade própria de Deus que é manifestada plenamente em Jesus Cristo e comunicada no batismo, portanto intrínseca a todo cristão. Deus que é santo santifica cada um dos fiéis em Cristo.

Por fim, o número 42 do quinto capítulo da Constituição trata dos meios de vida espiritual e de santidade centralizados na caridade, porque é o dom de Deus que torna eficazes os meios de santidade. Dá ênfase à definição de que “Deus é amor” (1Jo 4,16). Diz o texto da constituição dogmática:

Deus é caridade e aquele que permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele” (1Jo 4,16). Deus difundiu a sua caridade nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado (Cf. Rm 5,5); por isso, o dom principal e mais necessário é a caridade, pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por causa dele. Mas, para a caridade crescer e frutificar na alma como boa semente, todo fiel deve ouvir de bom grado a palavra de Deus e cumprir nas obras a sua vontade, deve, frequentemente, com auxílio da sua graça, aproximar-se dos sacramentos sobretudo da eucaristia, tomar parte nos atos de culto; deve aplicar-se constantemente à oração, à abnegação de si mesmo e ao serviço dedicado dos seus irmãos, e ao exercício constante de todas as virtudes. Porque a caridade, sendo com é, o vínculo da perfeição e a plenitude da lei (Cf. Cl 3,14; Rm 13,10), rege todos os meios de santificação, dá-lhes forma e os conduz à perfeição. Daí que seja a caridade, para com Deus e para com o próximo, o sinal do verdadeiro discípulo de Cristo (LG 42).

A Constituição *Lumen gentium* afirma que a perfeição da santidade é universal, e reafirma que a obrigação de tender a ela é para todos os batizados (DUQUE, 1966, p. 777), chamados ao amor, já que a vocação cristã é para amar a Deus e aos homens e mulheres. Assim, participar da vida de Deus em Cristo é a caridade que é a essência da santidade.

Pela Encarnação do Verbo, Deus comunica o seu amor. É próprio do amor a comunicação. Só a partir do amor de Deus, que é o amor dado por Deus, pode-se também entender o amor humano. Portanto, a realidade última de Deus é doar-se.

Deus se dá aos homens e mulheres ao amá-los. É um dom de si mesmo no amor que quer ser total, nisto consiste o mistério do amor de Deus. Por isso, o texto referindo-se a São Paulo diz que: “[...] o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). O Espírito Santo é o amor, ou seja, é a caridade incriada (DUQUE, 1966).

Da parte de quem recebe é necessário aceitar o amor e responder devolvendo-o. Não é o primeiro mandamento? Tudo isto, é a vida de perfeição de cada um. O amor é o mais precioso dos dons que dá o Espírito Santo.

A presença de Deus em nós através da doação do Espírito Santo produz nos corações humanos a vida divina que é o amor de Deus. A vida divina e a caridade são a mesma realidade, e como é dom, chama-se graça. Portanto, a graça é

caridade. Na perspectiva trinitária, o dom e o amor que Deus nos comunica, aproxima-se do conceito de graça incriada, enquanto doação do próprio Deus a nós por seu Espírito, que é a caridade divina em pessoa.

O amor é dom de Deus e ao mesmo tempo mandamento para quem o recebe, consistindo na santidade e perfeição cristã. No amor de Deus, na caridade que é dada e recebida, aceita e respondida, resume-se a perfeição de uma vida santa. Portanto, em receber e cultivar o dom divino da caridade, do amor de Deus, da vida divina.

O primado do amor é um dever, como ensina a Bíblia, sem o qual é impossível a santidade. Por outro lado, é uma tendência para viver o amor. Portanto, a caridade é o vínculo com Deus e com o próximo.

O Espírito Santo que é o Espírito de amor que une o Pai e o Filho, inserindo-se numa relação amorosa transforma aquele que crê em Cristo, une com o Pai amando o próximo. Portanto, a caridade é a perfeição da vida e santidade cristã. Porque é impossível pensar a fé cristã dissociada da santidade da caridade. O Concílio afirma a perfeição da caridade, porque ao longo da história, muitas vezes se acostumou com a concepção de santidade da forma canônica para a beatificação e canonização dos santos, em base de milagres. A perfeição do amor se insere na estrutura da Igreja quando se quer antecipar a vivência do Reino de Deus, já que “[...] o Reino de Deus não é comida e bebida, mas é justiça e paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve assim a Cristo agrada a Deus e é estimado pelos homens” (Rm 14,17-18). Logo, a Igreja é servidora da humanidade porque se vive o mistério de caridade.

Desse modo, a constituição cita sete meios gerais de santificação que são conhecidos para cultivar o amor de Deus: a palavra de Deus, o cumprimento da vontade de Deus, os sacramentos, em particular da Eucaristia, a oração, a abnegação pessoal, o serviço fraterno, e as virtudes. Não é a santidade que acompanha as virtudes, mas ela se exprime nas virtudes numa vida quotidiana. Porém, o grande meio de adquirir a santidade é a virtude teologal da caridade, que é um dom, ou seja, o amor de Deus e do próximo recebidos, que dá valor a todos os outros dons. Deus é radicalmente a caridade com que amamos a Deus, e em cuja força se clama “Abbá/Pai”. O chamado à santidade é um chamado à caridade, ou seja, a vocação cristã é para amar a Deus e aos homens e mulheres, sem nenhum detrimento das outras virtudes; pelo contrário, a caridade cultiva-as, porque ela tem

a primazia. Concluindo, as maiores virtudes propriamente não são nada se não são irrigadas unicamente pelo amor próprio de Deus.

No mesmo parágrafo, a Constituição trata do espírito dos conselhos evangélicos como meio de perfeição comum a todos, embora faça distinção em relação aos religiosos, cuja vocação é própria (LG 44). Os conselhos, em geral, são um auxílio para prática da caridade favorecendo o progresso na santidade. Eles são propostos pelo Cristo, e são múltiplos; cada homem tem, sob o impulso do Espírito Santo, a opção àquilo que convém à sua vocação e aspirações pessoais. Assim, a caridade faz frutificar o martírio, no seguimento de Cristo pelo caminho da cruz, em meio às perseguições à Igreja, e, em seguida, o conselho da virgindade consagrada e o celibato pelo amor ao Reino de Deus. Além disso, na linha dos conselhos evangélicos, a Constituição lembra os religiosos que imbuídos da mesma caridade vivem, sem deixar a castidade já mencionada, a pobreza e a obediência.

A pobreza e obediência estão unidas radicalmente formando o núcleo da vivência cristã. A pobreza, no texto conciliar, não trata da pobreza de cunho sociológico, nem a obediência com o aspecto jurídico na Igreja, de acordo com Duque (1966). Portanto, ambas são virtudes indispensáveis para a perfeição da santidade cristã, já que estão enraizadas no mistério de Cristo, ou seja, Cristo é pobre e obediente.

E o capítulo conclui na reafirmação já mencionada, mas clássica e básica, da vocação universal à santidade: “[...] todos os fiéis são convidados e obrigados a tender para a santidade e perfeição do estado próprio”. É o núcleo da exposição toda da doutrina sobre a santidade na Igreja, sobre a perfeição da vida cristã, em vista do progresso até o céu. Portanto, é o núcleo do capítulo quinto a afirmação de que a tendência à perfeição da santidade é dever de todo cristão.

Todo cristão é chamado à perfeição. O chamado da graça que estabelece uma obrigação moral convoca os homens e mulheres ao amor de Deus e do próximo de todo seu coração e com todas suas forças. Mas este amor é precisamente a perfeição e o fim da vida cristã. Logo, o amor é a vocação do cristão.

Deus oferece a cada um a possibilidade e impõe a obrigação de amá-lo como o próximo, com o mesmo amor. Todo cristão tem a possibilidade e o dever de tender a esta perfeição, fora da qual não existe nenhuma outra. Esta perfeição única pode se concretizar de maneira individual na correspondência à direção particular da graça de Deus.

Cada cristão recebe de Deus seu próprio dom. Deus deixa a liberdade a cada um de dispor e viver sua subjetividade e o número limitado de possibilidades dadas antecipadamente, e até a decisão da liberdade é, em cada um, o dom de Deus. Quando Deus propõe o dom da perfeição, e o ser humano se encontra diante de uma possibilidade e mais ainda diante de uma exigência moral. Uma recusa desta oferta seria uma recusa de crescer na caridade. Mas, o chamado à perfeição da caridade não é um simples estímulo externo, já que enquanto chama, o próprio Deus habilita o homem a responder, oferecendo o dom da graça. Portanto, é Deus que move atraindo pela graça para amar, o contrário é a escravidão.

Além disso, o texto conciliar contrapõe o apego às riquezas com a pobreza evangélica, indicando o espírito de pobreza na busca da santidade em geral. E termina tratando da santidade como caridade perfeita, alcançada no meio do mundo.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar a história percorrida pela Constituição sobre a Igreja *Lumen gentium*, percebe-se que foi um dos momentos históricos mais relevantes e esperados do Concílio. E juntamente com o quinto capítulo constitui uma história marcada por reconstruções. Foram quatro anos de trabalho intenso para chegar a uma síntese do tema sobre a Igreja. E em particular, do tema da vocação universal à santidade na Igreja.

As breves considerações cronológicas aqui feitas do capítulo quinto da *Lumen gentium* visando traçar as etapas desse caminho histórico-teológico, foi possível descrever a evolução do tema da vocação à santidade. Logo, entre todos os pontos apresentados no breve comentário sobre o quinto capítulo, é possível concluir que o conceito de santidade se dá nos termos da perfeição. Mas, perfeição de quê? Simplesmente da vida cristã, porque se visa viver na perfeição o mistério da caridade como ensina São Paulo: “[...] revesti-vos do amor, que une a todos na perfeição” (Cl 3,14). Em outras palavras, o mistério da comunhão com Deus e com o irmão e irmã, para além de uma simples observância de preceitos, mas comprometendo-se livre e generosamente no caminho dos cumprimentos dos conselhos evangélicos, no seguimento de Jesus Cristo na Igreja. Segundo Henn (2014), o capítulo quinto da *Lumen gentium* salienta a dimensão teológica e eclesiológica da santidade, e as três últimas seções referem à vocação do indivíduo

e do seu esforço, com ajuda da graça, a viver uma vida de perfeita caridade. E que o esforço de viver uma vida santa é sempre um segundo momento, subordinado a supremacia da graça.

Ao considerar a concepção da santidade como perfeição da caridade em *Lumen gentium*, observa-se uma forte aproximação com a concepção salesiana de santidade, que será abordada na próxima seção.

3 CONCEITO TEOLÓGICO DE SANTIDADE CRISTÃ SEGUNDO SÃO FRANCISCO DE SALES

O que é a santidade cristã? O que é ser santo e santa conforme o pensamento de São Francisco de Sales? Não se trata de encontrar uma definição puramente racional ou completa de santidade, mas uma concepção viva que possibilita uma imagem do verdadeiro santo com toda sua plenitude humana e cristã como ele próprio viveu e ensinou. São Francisco de Sales é excepcionalmente um psicólogo e teólogo. No entanto, amar a Deus de todo seu coração e seu próximo como si mesmo (Mt 22,37-39) é a santidade cristã no exercício do amor, ou seja para São Francisco de Sales ser santo significa amar. Mas ele vai um pouco mais além: amar é preferir o próximo mais que a si mesmo. Veja-se o que escreveu ao Bispo André Frémyot, Arcebispo de Bourges, que lhe envia um regulamento que tinha pedido:

confesso que eu não tenho escrúpulo de me abusar das minhas regras quando é o serviço de minhas ovelhas que me ocupa, porque então, é preciso que a caridade seja mais forte que nossas próprias inclinações, por boas que nosso amor próprio nos as faz ver. [...] Deus me dê a graça de amar muito a santíssima liberdade de espírito e odiar a dissolução e a libertinagem. Em suma, Excelência, nós devemos dizer com o grande Bispo de Hipona *Amor meus pondus meum*. (SALES, 1902, p. 403, tradução nossa).

O objetivo deste capítulo é apresentar alguns pressupostos da reflexão teológica salesiana de santidade, para depois confrontar o conceito de santidade que se encontra na *Lumen gentium* e o que é apresentado por São Francisco de Sales. Portanto, distinguir por primeiro as noções e relações que aproximam e fundem o conceito de santidade em uma melhor compreensão do caráter teológico.

3.1 O CONCEITO DE AMOR

Para São Francisco de Sales adquirir a santidade é conhecer o amor, por isso conceitua o amor, em geral, no livro do *Tratado do Amor de Deus*. Já no prefácio expõe o seu projeto: “[...] pensei apenas em representar simples e ingenuamente, sem arte e ainda mais sem adornos, a história do nascimento, progresso,

decadência, operações, propriedades, vantagens e excelências do amor divino” (SALES, 1894, p. 8, tradução nossa). A santidade nada mais é que uma história de amor, porque a vida cristã é uma caminhada que encontra avanços e retrocessos, ritmos próprios, e o amor divino acompanha o movimento da vida.

São Francisco de Sales (1894a, p. 13) aprofunda o conhecimento do amor, sonda as profundezas deste oceano, embora saiba que “[...] o fundo da ciência é sempre um pouco mais difícil de sondar, e poucos mergulhadores se acham que queiram e saibam ir recolher as pérolas e outras pedras preciosas nas entranhas do oceano”. Portanto, em sua teologia do amor faz uma tentativa de conceituar a santidade.

Assim, o santo de Annecy começa partindo do conhecimento simples da natureza humana para o conhecimento teológico. Por isso, para aprofundar no conhecimento do amor, parte do amor natural como chave de entendimento do conhecimento do amor divino. É indispensável para ele conhecer o ser humano para conhecer Deus, não que seja isto suficiente. São Francisco de Sales (1894a, p. 51) se inspira no Cântico dos Cânticos, que trata “[...] dos amores de um casto pastor com uma pudica pastora”, para explicar a união espiritual que ocorre entre Deus e a pessoa pelo amor divino. É a Bíblia que traz esta nota particular: o amor humano apresentado com uma profundidade inigualável, porque é a imagem do amor de Deus (Gn 1,27). Além disso, descobre que as relações de Deus com o coração humano são relações de apaixonados e mesmo de cônjuges. Portanto, parte do amor sensual ou paixão humana para chegar ao amor de Deus.

São Francisco de Sales tem uma visão positiva da natureza humana, embora saiba que é ferida pelo pecado. Por isso, o amor sensual é ferido, mas não é corrompido. E com a graça do Espírito Santo, este amor passional tende para o Criador. Assim a criatura humana responde ao amor com o amor do Criador porque é atraída por primeiro por este amor. Por isso, São Francisco de Sales parte da realidade profunda da paixão humana utilizando elementos ontológicos e psicológicos do amor para descrever em sua obra, a intuição formidável da correspondência entre Deus e a humanidade.

Ele aponta que a vontade governa o ser humano. E a vontade é governada pelo amor:

[...] entre a inumerável multidão e variedade de ações, movimentos, sentimentos, inclinações, hábitos, paixões, faculdades e potências que estão no homem, Deus estabeleceu uma natural monarquia na vontade, que controla e domina tudo o que se acha neste pequeno mundo [...]. (SALES, 1894, p. 25, tradução nossa).

Então, para São Francisco de Sales, o ser humano é conduzido pela vontade, que é um elemento natural que age sobre os movimentos, ações e sentimentos humanos, cujo objeto é o bem. Por isso, o amor sensual é um movimento da vontade sob o impulso dos sentidos que buscam sua própria satisfação. Além disso, a vontade dá a unidade ao interior da pessoa. Por outro lado, o amor natural direciona a vontade fazendo a vontade humana ser semelhante ao amor. Portanto, Deus atrai todos ao seu amor, quer o ser humano apenas pelo amor, porque todo homem e mulher têm capacidade de amar e de tender ao bem.

3.1.1 O amor humano

O que é o amor, afinal? Amor, sendo uma realidade natural, é o ato fundamental da faculdade afetiva, sendo o primeiro e principal desejo sensual, responde São Francisco de Sales. O ser humano possui paixões provindas do apetite sensual que, segundo o Doutor da Igreja, se constitui em doze movimentos¹² mediante o bem que se quer desejar, aproximar ou afastar. O ser humano que, em seu apetite, sente a atração do bem e se move para ele porque possui o apetite natural e universal para o bem. Este desejo de possuir o bem é como o rio que corre para o mar. O bem em si mesmo provoca o amor, isto é, o apetite sensual provoca o amor, primeiro desejo humano. Ainda mais, o amor é princípio e a origem de todos os desejos. Mas este amor que está ou nasce no desejo sensual é o amor sensual ou bruto, não devendo ser chamado ainda amor, mas sensualidade. Portanto, o amor é um apetite sensual à procura do bem ou do mal.

O amor genuíno é superior porque está na vontade, que é o desejo intelectual e racional, porque é orientado pela razão na busca do bem. Entre os movimentos da vontade, denominadas de afeições, o amor é a primeira e a principal, dela derivando todas as outras afeições. A vontade é ação exclusiva das afeições, entre as quais o

¹² Os doze movimentos são o amor, desejo, esperança, desespero, alegria, aborrecimento, fuga, temor, animação, aflição, tristeza e exaltação.

amor, como o primeiro motor e o primeiro sentimento, dando o impulso a todos outros estados afetivos ou sentimentais.

São Francisco de Sales, seguindo Santo Tomás de Aquino e Santo Dionísio, diz que “[...] o bem é aquilo que agrada ao apetite e à vontade [...]” (SALES, 1894a, p. 24). Por isso a vontade não pode ser indiferente, embora haja liberdade por parte da vontade em recusar o amor, substituindo-o por outro. Há uma pluralidade de sentimentos, ou seja, as paixões e afeições que originam “[...] do amor, como fonte e raiz” (SALES, 1894a, p. 32), permanecendo a possibilidade de escolher um ou outro amor. A vontade está acima de todas as faculdades humanas com todos seus movimentos, é conduzida sem interrupção pelo amor que livremente escolhe, identificando-se com ele.

A noção de amor, segundo São Francisco de Sales, é a vontade profunda para o bem e nele se comprazendo. Eis a definição:

[...] o amor não é outra coisa senão o movimento e efusão do coração que se faz em direção ao bem, por meio da complacência que se tem neste; de sorte que a complacência é o grande motivo do amor, como amor é o grande motivo da complacência (SALES, 1894a, p. 255, tradução nossa).

No sentimento que afeta o ser humano na presença do bem, se distinguem diversos aspectos. A complacência amorosa é um aspecto psicológico desta afinidade ontológica sobre o amor diante do bem que se possui antecipadamente se comprazendo com ele, mas não é a posse perfeita. Por isso, não há amor sem complacência, porque o amor se origina na complacência, mantém-se nela e se inclina para ela, e cessando-a cessa o amor.

3.1.2 Os aspectos do amor humano

A complacência nasce do conhecimento intelectual no amor. São operações intelectuais em que consiste o amor em sua essência. Assim, o conhecimento do bem dá origem ao amor, mas não ao seu tamanho. Porque não é ainda um possuir perfeito.

Segue depois o amor de benevolência, que consiste em querer o bem daquele que se ama, ou seja, “querer o bem” de Deus que é todo bem, já que “[...] não podemos desejar com verdadeiro desejo nenhum bem a Deus, porque a sua

bondade é infinitamente mais perfeita do que poderíamos desejar e pensar”. (SALES, 1894a, p. 275). Mas continua a explicar que “[...] não o podemos engrandecer em si mesmo, desejamos engrandecê-lo em nós, quer dizer, tornar cada vez e sempre maior a complacência que temos na sua bondade” (SALES, 1894a, p. 277).

Segundo o trabalho de Ravier (1976) o coração humano não pode amar sem desejar se unir ao objeto que ama. Não é possível se comprazer em Deus sem desejar unir-se a Deus. Não se trata de receber Deus por si mesmo, mas de acolher Deus em si para que transforme o homem e mulher nele e, segundo o amor humano, para a complacência se desenvolver em benevolência. São Francisco de Sales diz que ainda que o amor de complacência atraia Deus aos corações, ainda que o amor de benevolência lance os corações em Deus, o fim é o mesmo, que é tornar o ser humano profundamente semelhante com Deus. Semelhança pelo amor que parte do coração de Deus e habite os corações humanos.

Por fim, o amor de submissão: querer cumprir sua vontade, ou seja, conformar nossa vontade à vontade de Deus. Porque o exercício do amor de Deus consiste na aceitação da vontade de Deus. O santo de Annecy, escrevendo a uma senhora, diz que “o amor divino consiste na resolução do coração que quer para sempre e inseparavelmente permanecer unido de toda parte à vontade divina” (Sales, 1908, p. 318, tradução nossa). E vai mais além, quando instiga a perfeita indiferença por causa de Deus, o que significa que “[...] a vontade que morreu para viver na vontade de Deus está sem nenhum querer particular, permanecendo não somente conforme e sujeita à vontade de Deus, mas totalmente aniquilada em si mesma e convertida na de Deus” (SALES, 1894b, p.151, tradução nossa).

Chega-se nesse progresso ao cume da perfeição do amor. O progresso do amor que se faz em nossa vontade mediante o amor de complacência e benevolência. Este progresso se insere numa estrutura psicológica que o próprio São Francisco de Sales denomina de “santuário” (SALES, 1894a, pp. 67-70), significando que a psique humana é como que um templo sagrado. Ele mesmo deixa entender no *Tratado* que esta explicação da divisão em duas zonas da alma extraiu de Santo Agostinho.

3.1.3A psique humana e a perfeição do amor

O *Tratado do Amor de Deus* explica que a alma humana possui duas zonas que levam ao aperfeiçoamento do ser humano. A inferior, que é a que discorre e tira conclusões pela experiência e conhecimentos fornecidos pelos sentidos, e a superior, que discorre e tira conclusões pelo discernimento e juízo do espírito.

Num primeiro momento, dividir a psique humana em duas zonas parece ser uma dicotomia, mas na realidade estas duas partes da estrutura da psique, que São Francisco de Sales apresenta, interpenetram-se e completam-se. A alma humana é indivisível, porém há dimensões: a inferior, que consiste no aparato biológico e inconsciente que abrange os atos conscientes ligados àquele “apetite sensual”, e a superior, que consiste na razão e na vontade, sendo que a razão esclarece a vontade na busca ao bem.

A parte superior se ramifica em três graus da razão: a inteligência natural, a fé explicada pela teologia e a mística propriamente dita. No primeiro grau da razão cujo domínio é dos bons sentidos, e que na espontaneidade se julga para bem ou para mal segundo o interesse imediato. O segundo grau da razão é possibilitado pela cultura geral que mediante os conhecimentos humanísticos, filosóficos, científicos, éticos, estéticos, cujos objetos são a verdade, o bem e a beleza, conduzem ao limiar da fé, é a teologia. E por fim, o terceiro grau da razão, o conhecimento dado pela fé que se manifesta em duas maneiras, pela meditação e pela oração. A meditação que se dá pelo pensamento nas coisas divinas para se afeiçoar a elas e a oração pela relação íntima com Deus na experiência do amor, ou seja, a experiência mística.

Ademais, São Francisco de Sales nos conduz ao quarto grau, à “[...] certa eminência e suprema ponta da razão [...]”, onde podemos conhecer “[...] por uma simples visão do entendimento e por um simples sentimento da vontade, pelos quais o espírito aquiesce e se submete à verdade e à vontade de Deus” (SALES, 1894a, p. 67, tradução nossa). Nota-se que esse “[...] fundo do coração é reservado somente a Deus e que só ele pode penetrá-lo” (SALES, 1897, p. 358, tradução nossa).

A esses quatro graus da razão correspondem quatro graus de afetos que são identificados como afetos naturais, racionais, cristãos, divinos e sobrenaturais. Nota-se que São Francisco de Sales diz que a realização de um bem torna infinitamente mais amável do que todos os conhecimentos que se pudesse ter. Portanto, a passagem da afeição natural à sobrenatural do amor significa que da vida inferior, só

humana, passa-se, pelo amor, para a vida superior, ou divina, mediante o impulso dado desde o alto.

Este amor natural deve ser purificado e reduzido à perfeita obediência do amor puríssimo da vontade de Deus, afirma São Francisco de Sales (1911, p. 213). Portanto, a adesão à vontade de Deus é um fruto do amor¹³.

As breves considerações aqui feitas levam a conclusão de que São Francisco de Sales indica um itinerário à perfeição do amor, apresentando as etapas e a psicologia humana ante a esta perfeição.

3.2 CARIDADE

Para compreender a concepção de santidade em São Francisco de Sales, faz-se necessário conhecer a concepção de caridade. O que é amar? Qual é o conceito de caridade em São Francisco de Sales?

O termo de caridade é muito presente nas obras do santo Doutor. Nesta seção procurará identificar e dar destaque o pensamento salesiano. E, para compreender o conceito de santidade será apresentada a caridade em termos de amizade e como dom de Deus, a relação de dar e receber, e brevemente o amor do próximo.

3.2.1 A caridade como amizade

Em São Francisco de Sales há uma concepção da caridade nos termos da amizade, embora a *Lumen gentium* não se refira nos termos de amizade e dileção. Ele define, pois, a caridade como amizade com Deus e com todos os outros. Ele aproveita para justificar e explicar esta definição lembrando os elementos que constituem a noção de amizade, mostrando como esta definição se enquadra melhor na realidade misteriosa da caridade.

Para São Francisco de Sales (1894b, p. 250), “[...] a caridade é a raiz e fonte de toda santidade no homem”. Para conhecer a santidade cristã é indispensável o conceito de caridade.

¹³ São Francisco de Sales explica a união da vontade humana à vontade de Deus no *Tratado do Amor de Deus*, no livro oitavo, no capítulo três.

a caridade [...] é um amor de amizade, uma amizade de dileção, uma dileção de preferência, mas de preferência incomparável soberana e sobrenatural, a qual é como um sol em toda a alma para embelezá-la com seus raios, em todas as faculdades espirituais para aperfeiçoá-las, em todas as potências para moderá-las, mas na vontade, como na sua sede, para nela residir e fazer-lhe querer e amar ao seu Deus sobre todas as coisas (SALES, 1894a, p. 165).

A caridade tem todas as qualidades de um amor natural de amizade, embora ela o exceda. Qualquer grau da caridade é simplesmente amor de Deus, como diz São Francisco de Sales (1894a, p. 73): “[...] o nome amor, como mais excelente, foi justamente dado à caridade, como ao principal e mais eminente de todos os amores [...]”. Ele excede todos os amores, mesmo os mais perfeitos, de todas as criaturas. Isto é assim por causa de seu objeto e de sua primazia absoluta sobre todos os outros amores, o santo doutor afirma que:

[...] entre todos os amores, o de Deus mantém o cetro, e tem a autoridade de mandar tão inseparavelmente unida, e própria à sua natureza, que, se ele não é o senhor, incontinenti cessa de existir e perece. [...] Tudo está sujeito a esse celeste amor, que quer sempre ser ou rei ou nada, não podendo viver sem que domine ou reine, nem reinar se não for soberanamente (SALES, 1894a, p.38, tradução nossa).

E continua explicando que a elevação para o amor verdadeiro é também da elevação para com Deus:

quando, pois, o divino amor reina nos nossos corações, sujeita regamente a si todos os outros amores da vontade, e, por conseguinte todos os afetos dela, porque naturalmente estes seguem os amores; depois doma o amor sensual, e, reduzindo-o à sua obediência, atrai após si todas as paixões sensuais [...] (SALES, 1894b, pp. 309-310, tradução nossa).

A concepção de amor de Deus como uma amizade de preferência é muito clara para São Francisco de Sales que põe na vontade afetiva, ou seja, no coração. Ama-se a Deus por afetividade, mas efetivamente. O amor afetivo é o amor a Deus e o que Ele ama. E o amor efetivo significa servir a Deus e fazer o que Ele ordena. Assim o amor afetivo enche-se de complacência e benevolência, de transporte, de desejos, de suspiros e de ardores espirituais. E o segundo, infunde em cada um a sólida resolução, a firmeza de coragem e a inviolável obediência requerida para cumprir a vontade de Deus, e para sofrer, aceitar, provar tudo o que provém do seu

beneplácito. Em suma, amar a Deus e, por amor de Deus, todas as criaturas (SALES, 1918, p. 359).

3.2.2 O dom da caridade

Com efeito, o amor de Deus não pode ser essencialmente um amor passional. Deus é um ser espiritual que está além dos nossos sentidos. Se Deus solicita nossa afetividade, a caridade é um amor de vontade e não de sensibilidade. Mas tal amor está acima das forças naturais do ser humano, embora a inclinação de amar a Deus sobre todas as coisas permaneça. Por isso, São Francisco de Sales explica que esse amor

[...] não passa de certo querer sem querer, um querer que quereria, mas que não quer, um querer estéril, que não produz verdadeiros efeitos, um querer paralítico (Jo 5,2), que vê a piscina salutar do santo amor, mas que não tem força para se lançar nela [...] (SALES, 1894a, p. 82, tradução nossa).

Porque falta para o ser humano uma força vigorosa para optar por Deus acima de todas as coisas, de acordo com bispo genebrês. Há uma infinita distância entre Deus e sua criatura.

[...] assim o nosso coração humano produz bem naturalmente certos começos de amor para com Deus, mas chegar a amá-lo sobre todas as coisas, que é a verdadeira maturidade do amor devido a essa suprema bondade, isso só pertence aos corações animados e assistidos pela graça celeste e que estão no estado da santa caridade, [...]. (SALES, 1894a, p. 82, tradução).

Esta “graça celeste”, ou este “estado da santa caridade” é um dom. São Francisco de Sales citando a Carta aos Romanos (Rm 5,5)¹⁴, explica:

[...] o Espírito Santo quem o dá e o infunde em nossos corações: e, assim como nossas almas, que dão a vida aos nossos corpos, não têm sua origem nos nossos corpos, mas são postas nos nossos corpos pela providência natural de Deus, assim também a caridade que dá a vida aos nossos corações não é atraída por nossos corações, mas é nele vertida, como um celeste licor, pela providência sobrenatural da sua divina majestade. (SALES, 1894a, pp. 164-165, tradução nossa).

¹⁴ A Constituição *Lumen gentium* também faz a mesma citação bíblica.

É, pois um dom sobrenatural, porque o único capaz de amar é o Espírito Santo.

Por esse dom, homem e mulher se tornam membros vivos pela habitação do Espírito Santo e, em consequência, da Trindade. O Espírito vem como fonte de uma nova vida e age como princípio desta vida nova divina. Eles se tornam participantes da natureza divina. Assim as ações humanas tornam-se as ações divinas pelas quais se responde a seu amor de amizade por uma dileção sobrenatural reconhecendo-o.

O fato de que a caridade é o dom de Deus recebido, de que, por ela, Deus age na pessoa humana, sem cessar, fazendo-a amar, é o fundamento sobre o qual São Francisco de Sales baseia toda a santidade cristã. Ele descreve a coexistência de dois princípios, divino e humano, e como funciona a santificação de cada um dos princípios vitais ou das duas vontades, divina e humana. Portanto, só se pode humanizar à medida que se tende para a santidade. Aqui temos um nexos profundo no que diz a *Lumen gentium*, número 40, quando afirma tão discretamente que “[...] por esta santidade se promove, também na sociedade terrena, um teor de vida mais humano”. Ambos, afirmam a humanização como santidade, ou seja, quanto mais santo mais ser humano.

3.2.3 O dar e receber

No entanto, há uma diferença enorme entre amizade recíproca dos homens e a que relaciona o ser humano a Deus, em razão da desigualdade incomparável das partes. Enquanto na amizade humana as duas partes têm a mesma natureza, na amizade sobre-humana, entre Deus e o ser humano, a caridade relaciona duas naturezas totalmente diferentes, entre as quais não há nenhuma proporção, e isso tem uma importância decisiva sobre a função de cada uma na vida do amor divino.

De fato, Deus é “uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4,14) e o ser humano como um vaso que se abre e se enche. Deus dá e o homem e mulher recebe, é muito relevante no santo Doutor da Igreja. A ação de Deus é dar, a do ser humano é receber. Embora, ambas sejam ações, há uma capital diferença entre elas. Compreender essas ações, dar e receber, é compreender o papel de Deus e do ser humano na caridade, da santidade cristã, concomitantemente da espiritualidade de São Francisco de Sales.

Além disso, no ato divino, o dar é gratuito, não visa nenhum tipo de recompensa nem mesmo está diretamente ligado aos benefícios como acontece nas relações humanas perpassada de interesses mesquinhos. A distinção entre esse tipo de dedicação e generosidade é própria do ser divino chamando o dar relacionado à comunicação do amor de Deus¹⁵.

Nesta visão profundamente cristã, “o amor dos homens para com Deus tira a sua origem, progresso e perfeição do amor eterno de Deus para com os homens” (SALES, 1894a, p. 231, tradução nossa). O autor do *Tratado do Amor de Deus* demonstra como toda ação humana, desde o início da amizade com Deus até os mais altos cimos, é a recepção do que Deus dá por seu amor misericordioso. Mesmo quando se lhe dá todos os bens e dedica todos os atos, cada um faz-se pelo poder que se recebe dele:

consentiste, bem o sei [...]. Sim, pobre homem que és, recebeste até mesmo a recepção de que te glorificas, e o consentimento de que te gabas [...] se não o sabes, eu te faço saber que a tua cooperação nasceu da operação da graça e da tua livre vontade conjuntamente, mas de tal sorte, todavia, que, se a graça não houvesse prevenido e enchido teu coração com a sua operação, jamais teria ele tido nem o poder nem o querer de fazer qualquer operação (SALES, 1894a, pp. 232-233).

Em outro lugar expressa a mesma coisa, que o “[...] consentimento à graça depende muito mais da graça do que da vontade” (SALES, 1894a, p. 127, tradução nossa). Assim todo o bem depende da graça divina e o único poder humano é resistir à ação divina.

[...] não somos nós que fazemos vir o vento da inspiração, nem que enchemos dele as nossas velas, nem que damos o movimento à nau do nosso coração; mas apenas recebemos o vento que vem do céu, consentimos no seu movimento, e deixamos ir à nau sob o vento sem a impedir pela rêmora da nossa resistência. (SALES, 1894a, p. 234, tradução nossa).

Enfim, a santificação é o resultado da ação divina e a amizade cresce com Deus na medida do dom de Deus recebido: “[...] se nós temos algum amor a Deus, caiba a honra e a glória disso a ele que tudo fez em nós, e sem quem nada foi feito [...] já que todos nós nada somos senão por sua graça [...]” (SALES, 1894a, p. 235, tradução nossa).

¹⁵ A comunicação do amor de Deus é muito particular na teologia de São Francisco de Sales.

3.2.4 O amor do próximo

Que relação há entre a caridade e amor do próximo? Já que a perfeição, segundo São Francisco de Sales, é a caridade que compreende o amor de Deus e do próximo, o amor do próximo pertence à essência da caridade. Assim, São Francisco também afirma que “[...] o cúmulo do amor da divina bondade do Pai celeste consiste na perfeição do amor a nossos irmãos e companheiros” (SALES, 1894b, p. 206, tradução nossa). Ele repete muitas vezes que o amor de Deus se descobre no amor do próximo porque é dele que provém.

No décimo livro do *Tratado do Amor de Deus* sobre o mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas, São Francisco de Sales intitula o capítulo “Como a santíssima caridade produz o amor do próximo”. Depois de citar São Bernardo, segundo quem a causa pela qual o homem ama a Deus é o próprio Deus, São Francisco afirma que o homem ama a si mesmo e o próximo porque o ser humano é a imagem de Deus. O amor do próximo é a imagem exata do amor de Deus. Com efeito, “[...] amar o próximo por caridade é amar a Deus no homem, ou o homem em Deus; é amar só a Deus por amor dele mesmo, e a criatura por amor de Deus” (SALES, 1894b, p. 205, tradução nossa).

Desse modo pode existir verdadeiro amor do próximo sem amor de Deus, mas não pode haver verdadeiro amor de Deus sem amor do próximo. Em verdade, os dois são uma mesma caridade que, embora tenha dois objetos, tem um só motivo: Deus.

Tendo Deus por motivo, o amor por outros não diminui o amor a Deus, não perde seu encanto natural, segundo o santo de Annecy. Ao contrário, ele se torna mais atraente, mais forte e, se assim se pode dizer, mais humano, porque possibilita o amor natural passar para o amor divino sem se desumanizar. Portanto, a santidade verdadeira é a procura de Deus, mas sem se deixar ser a participação em tudo o que é humano.

3.3 SANTIDADE: *LUMEN GENTIUM* E SÃO FRANCISCO DE SALES

A Constituição dogmática *Lumen gentium*, no parágrafo de número 39, parte do dado da fé segundo o qual a Igreja é santa, que Cristo se entregou a ela para

santificá-la e continua afirmando que todos na Igreja são chamados à santidade, que se exprime de várias maneiras de acordo com o estado próprio que tendem a perfeição da caridade e que muitos cristãos abraçam os conselhos evangélicos. No livro das *Controvérsias*, que é uma teologia sobre a Igreja, o bispo de Genebra afirma a santidade da Igreja dizendo que a ela é santa, o que é um artigo de fé. Nosso Senhor se deu por ela a fim de santificá-la. É um povo santo (Ef 5,26 e 1Pd 2,9). O esposo é santo e a esposa é santa. Ela é santa estando dedicada a Deus. Ela é santa ainda porque o Espírito Santo que a vivifica é santo (SALES, 1892).

Quanto ao conceito de santidade, a Constituição *Lumen gentium*, no número 40 afirma que Cristo, sendo mestre e modelo de toda a perfeição, ensinou a santidade. Mas o conceito mais completo de santidade, na *Lumen gentium*, número 40 é expresso quando o documento afirma “[...] que todos os fiéis, seja qual for o seu estado ou classe, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade”. Em vários escritos de São Francisco de Sales encontram-se afirmações de Cristo como perfeito modelo da perfeição. Em uma carta à Senhora de Chantal, São Francisco termina com a fórmula: “Tudo nele, por ele, com ele” (SALES, 1906, p. 289). O santo de Annecy ensina a união com Cristo, Deus e o nosso próximo. Cristo conduz a todos à plena realização do ser humano. A santidade se realiza por meio de Jesus Cristo que vem ao encontro do desejo do ser humano. A respeito da festa do Natal, São Francisco de Sales ensina que:

no nascimento de Nosso Senhor temos provas de sua Divindade e provas muito evidentes; [...] mostra que é mais do que homem, como pelo contrário, pelos choros que faz no presépio, tremendo de frio, vemo-Lo verdadeiramente homem. Consideremos, [...] a bondade do Pai eterno. Porque se quisesse podia ter criado a humanidade de seu Filho como criou os nossos primeiros pais, ou dar-lhe a natureza dos anjos, estava em seu poder. Ora, se tivesse sido assim, Nosso Senhor não teria sido de nossa natureza, nós não teríamos, portanto, aliança com ele. Mas sua bondade levou-o até se fazer nosso irmão a fim de nos dar exemplo e nos tornar, por esse meio, participantes de sua glória (Rm 8,29; Hb 2,22). (SALES, 1898, pp. 415-416, tradução nossa).

A caridade que tem por objeto Deus, no Cristo encontra seu centro e em seu coração alcança misteriosamente todos os homens e mulheres. Em Deus a caridade encontra o ser humano, pelo Cristo e pela Igreja. O bispo de Genebra resume que a caridade é a perfeição do universo, o espírito é a perfeição do homem, o amor, a perfeição do espírito e a caridade, a perfeição do amor (SALES, 1894b, p. 165), Cristo, o centro da caridade de todos.

3.3.1 A santidade e “devoção”

No entanto, santidade se traduz na linguagem salesiana por devoção, termo muito tradicional no seu tempo. É preciso entender que a “vida devota” não significa uma piedade açucarada, mas, como ele próprio diz, a flor mesma da perfeição. Assim, o bispo genebrês ajudou muitas pessoas a se tornarem maduras, como as instigou a se converterem em santos.

O que é a devoção? São Francisco de Sales explica em seus três primeiros capítulos da *Introdução à vida devota*¹⁶. Ele próprio indica a devoção ao enviar sua *Introdução* a várias pessoas destacando a perfeição de vida, como numa das cartas à baronesa de Chantal: “[...] eu vos envio um escrito contemplando a perfeição de vida a todos os cristãos” (SALES, 1902, p. 266, tradução nossa), e a presidenta Brûlart¹⁷ dizendo: “Eu fiz um pequeno aviso sobre o tema da perfeição da vida cristã, [...]” (SALES, 1902, p. 270, tradução nossa). O bispo de Genebra abre o caminho de uma santidade vivida no cotidiano no meio do mundo em união a Deus e ao serviço do próximo, como afirma *Lumen gentium* no final do número 41 que:

[...] todos os fiéis se santificarão no dia a dia, sempre mais, nas diversas condições da sua vida, nas suas ocupações e circunstâncias, e precisamente através de todas as coisas, [...] e cooperem com vontade divina, manifestando a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo.

E, antecipando o Concílio Vaticano II, expressou em 1608, na *Introdução*, a convicção pessoal de que a santidade é para todos, e independente do estado ou condição de vida. Assim, para viver como verdadeiro cristão no mundo, São Francisco de Sales julgava a devoção (amor perfeito) necessária (LAJEUNIE, 1966). Portanto, o conceito de santidade dado na *Introdução*, o qual se identifica com a palavra devoção, é o que melhor se aproxima do conceito de santidade em *Lumen gentium*:

¹⁶ É um conjunto de cartas de direção espiritual, redigido por Francisco de Sales para uma de suas primas, Senhora de Charmois, que vai eclodir na célebre *Introdução à vida devota* ou *Filoteia*, em 1608, tendo edição definitiva em 1619.

¹⁷ A presidenta Brûlart é Marie Bourgeois, esposa de Nicolas Brûlart, presidente do Parlamento da Borgonha. Também chamada de senhora Brûlart. São Francisco de Sales foi seu diretor espiritual.

a verdadeira e viva devoção, [...] pressupõe o amor de Deus, mas não é outra coisa que um verdadeiro amor de Deus; mas não, no entanto, um amor tal qual: porque, o quanto o amor divino embeleza nossa alma se chama graça, tornando-nos agradáveis à sua divina Majestade; o quanto nos dá a força de fazer o bem se chama caridade; mas quando atingiu o grau da perfeição no qual não nos faz somente fazer o bem, mas nos faz operar cuidadosa, freqüente e prontamente, então se chama devoção. [...] Em suma, a devoção não é outra coisa que uma agilidade e vivacidade espiritual por meio da qual a caridade faz suas ações em nós, ou nós por ela, pronta e afeitamente; e como pertence à caridade nos fazer de modo geral e universalmente praticar todos os mandamentos de Deus, pertence também à devoção cumpri-los pronta e diligentemente. É porque aquele que não observa todos os mandamentos de Deus não pode ser estimado nem bom, nem devoto, já que para ser bom é preciso ter a caridade, e para ser devoto é preciso ter a caridade, uma grande vivacidade e prontidão às ações da caridade.

E, sobretudo que a devoção age em certo degrau de excelente caridade, não somente nos torna prontos e ativos e diligentes na observação de todos os mandamentos de Deus; mas, além disso, ela nos provoca a fazer pronta e afeitamente as melhores obras que nós podemos, ainda que elas não sejam de modo nenhum necessárias, mas somente aconselhadas ou inspiradas. [...] Enfim, a caridade e a devoção não são mais diferentes uma da outra do que a chama o é do fogo, sobretudo que a caridade, sendo um fogo espiritual, quando é muito inflamada, chama-se devoção: se a devoção não ajunta nada ao fogo da caridade, a chama torna a caridade pronta, ativa e diligente, não somente na observação dos mandamentos de Deus, mas no exercício dos conselhos e inspirações celestes. (SALES, 1893, pp. 14-16, tradução nossa).

De acordo com Ravier (1993), o que são estas melhores obras necessárias? Trata-se, em primeiro lugar, dos mandamentos de Deus. Quanto às obras aconselhadas, trata-se das bem-aventuranças. E as inspirações são esses diversos movimentos interiores pelos quais o Espírito Santo leva o homem a fazer algum bem. Estas recordações das inspirações do Espírito Santo no íntimo de cada um significam que a devoção é uma questão pessoal, vivida sob a ação da graça de Deus, que cada cristão deve praticá-la de acordo com sua qualidade e sua vocação. Por isso:

a devoção deve ser diferentemente exercida pelo cavalheiro, pelo artesão, pelo doméstico, pelo príncipe, pela viúva, pela moça, pela casada; e não somente isto, mas é preciso acomodar a pratica da devoção às forças, aos afazeres e aos deveres de cada particular". (SALES, 1893, pp. 19-20, tradução nossa).

Portanto, a santidade não é algo pronto ou modelo fixado, mas é preciso vivê-la segundo as condições de cada um. A santidade cristã não é aperfeiçoamento, no sentido de perfeição do mundo grego, embora não haja santidade sem aperfeiçoamento humano mediante a graça do batismo que capacita a viver a

santidade, como afirma o capítulo quinto da *Lumen gentium*. Porque não há santidade sem ser outro Cristo.

Ademais, é o mandamento do amor a chave de toda santidade cristã. Trata-se de um amor único que só pode vir de Deus e retorna a Ele. Portanto, há uma única santidade que consiste em amar Jesus Cristo. Assim, a “[...] devoção é [...] a perfeição da caridade” (SALES, 1893, p. 19, tradução nossa). Logo, é o amor que dá a vivacidade, agilidade, o dinamismo. “Tudo é para o amor, no amor, pelo amor e do amor na Santa Igreja” (SALES, 1894a, p. 4). Para o santo genebrês, a santidade como manifestação do amor de Deus, não influi só na esfera individual, mas se conecta à santidade de Cristo e da Igreja. Assim, aproxima-se da afirmação da *Lumen gentium* da vocação à santidade na Igreja. Portanto, o amor é a alma do movimento da devoção, seu princípio, sua fonte e sua meta na Igreja.

3.3.2A santidade: uma questão de amor

Para São Francisco de Sales toda santidade existe no amor e mais especialmente na caridade:

‘a caridade é, pois, o vínculo de perfeição’ (CI 3,4), visto que nela e por ela são contidas e reunidas todas as perfeições da alma, e de vez que sem ela não somente não se poderia ter a reunião inteira das virtudes, mas sem ela não se pode sequer ter a perfeição de virtude nenhuma. Sem o cimento e argamassa que ligam as pedras e paredes, todo o edifício se dissolve; sem os nervos, músculos e tendões, todo o corpo seria desfeito; e, sem a caridade, as virtudes não podem entreter-se umas às outras. (SALES, 1894b, p. 266, tradução nossa).

Assim, a devoção é o cume da caridade, ou sua perfeição. O santo de Annecy concede um lugar preponderante à caridade em sua teologia sobre a santidade. Além disso, em uma das definições da caridade, conceitua a perfeição do amor. Exige de todos, amor de Deus e do próximo e, sobretudo a prática da caridade. Para o São Francisco de Sales há uma distinção clara entre santidade e perfeição, porque afirma a santidade como perfeição do amor e não como aperfeiçoamento humano. Esta distinção é clara, também no quinto capítulo da *Lumen gentium*. Escreve:

nossas obras que provém de nós não passam de caniços mesquinhos, mas esses caniços viram ouro pela caridade, e com eles se mede a Jerusalém celeste (Ap 21,15), que nos é dada por esta medida. Tanto aos homens

como aos anjos se distribui a glória segundo a caridade e as ações dela [...] (SALES, 1894b, p. 254).

Os conceitos de santidade apresentados no capítulo quinto da *Lumen gentium* e por São Francisco de Sales são idênticos, ambos baseados na perfeição da caridade vivida na Igreja. Assim, as categorias “vocação” e “santidade” estão muito presentes nas obras de São Francisco de Sales, que faz uma distinção de santidade como perfeição do amor, e não simplesmente perfeição no sentido de um acabamento moral. Considera a santidade como dom divino, em que se acolhe e pratica a caridade como recebida e dada, como marcada pela dimensão cristológica. Enfim, a santidade cristã se revela concomitantemente como dom e tarefa quando o próprio bispo de Genebra afirma que: “[...] a devoção [santidade] não é uma peça que se deve ter à força de braços; é preciso realmente trabalhar nisso, mas o grande trabalho depende da confiança em Deus. É preciso ir nela suave, seja o que for cuidadosamente” (SALES, 1918, p. 133, tradução nossa).

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Francisco de Sales captou o conceito de santidade como perfeição do amor nos termos de caridade, do mesmo modo a *Lumen gentium* no quinto capítulo, exceto nos termos da amizade e dileção que não aparecem na Constituição. Esta perfeição é precisamente uma perfeição da caridade. Mas esta perfeição do amor de Deus (amado acima de tudo), cada um a busca e a realiza já agora, na situação atual da Igreja. O dinamismo da caridade, como todo amor autêntico, faz desejar no Cristo Aquele que se ama, a vontade de ser amado, e especialmente porque se ama mais. Enfim, é um projeto de amor vivido na comunhão de vida.

E como se situa dentro da Igreja, como ensina a *Lumen gentium*, todos os fiéis buscam a perfeição de sua graça batismal, ou seja, graça da caridade e dom de si. Também, São Francisco de Sales em sua *Introdução* fala desta busca de perfeição cristã numa espiritualidade tipicamente batismal.

Logo, é possível identificar o conceito de santidade de São Francisco de Sales sendo idêntico com o que encontra na Constituição sobre a Igreja.

Assim, o conceito de santidade do bispo de Genebra é muito atual. Por isso, a aproximação no que é essencial entre amor e caridade e o chamado evangélico à

santidade que estão presentes no capítulo quinto da *Lumen gentium* encontram-se mais de dezenas de vezes em sua obra.

Na próxima seção abordam-se os elementos teológicos da tendência e obrigação à santidade, e outros pontos também presentes no texto conciliar da *Lumen gentium*, no que diz respeito ao conceito de santidade em São Francisco de Sales, com ênfase à santidade como dom de Deus.

4 PONTOS TEOLÓGICOS COMUNS ENTRE A TEOLOGIA DA VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES E O QUINTO CAPÍTULO DA *LUMEN GENTIUM*

A vocação à santidade, resultante da pertença a Cristo e à Igreja, é tão exigente que cada batizado é chamado a ser santo¹⁸, ou seja, a incorporação a Cristo obriga à santidade. Por outro lado, existe uma tendência dos cristãos à santidade. Portanto, é uma obrigação de todo cristão tender à perfeição da santidade.

Toda vida cristã vivida “no Cristo” é uma vida “para Deus” (Rm 6,10-11) e recebe na graça batismal a força para a santidade. Cada batizado tende em sua tarefa generosa e radical em direção à perfeição evangélica o mais possível. A vida cristã se conceitua por esta tendência eficaz à perfeição batismal. No seguimento de Cristo implica que cada seguidor e seguidora possua um esforço generoso e pessoal colocando em prática o evangelho para que se una mais fielmente possível ao Cristo. Por outro lado, não trata de uma conquista à força dos braços, ou uma mobilização de todas as forças para reproduzir um modelo exterior.

O objeto do presente capítulo é identificar os elementos da obrigação de tender à santidade comum a todos na Igreja, tanto em São Francisco de Sales quanto no quinto capítulo da *Lumen gentium*, sem deixar a santidade de ser dom de Deus.

A santidade cristã é um resultado da ação consequentemente de Deus e do ser humano sob a ação da graça. Tanto em São Francisco de Sales quanto no quinto capítulo da *Lumen gentium*, há pontos comuns na possibilidade de realizar a santidade cristã.

4.1 A TENDÊNCIA À SANTIDADE CRISTÃ

A possibilidade do homem e da mulher de alcançar a santidade cristã pressupõe sempre a graça de Deus. A natureza humana não possui nenhuma

¹⁸ Afirma Clodovis Boff (2015, pp. 136-137) que “[...] a exigência de santidade não é particular ao teólogo, mas comum a todo cristão. Relembrou-o o Vaticano II no capítulo V da *Lumen Gentium*, ao qual chamou precisamente: ‘A vocação universal à santidade’”.

possibilidade, em si mesma, de alcançar a santidade. Portanto, todos, sem exceção, apesar das fraquezas naturais, condições e circunstâncias, têm a possibilidade moral de alcançar à santidade mediante a graça. Esta possibilidade é a capacidade de obedecer à semelhança de Cristo, que cada um possui de se deixar conduzir à perfeição da caridade. Além disso, é possibilidade de cada um o cooperar efetivamente na obra de santificação de Deus, como ensina a *Lumen gentium*, número 41, quando diz “[...] cooperem com a vontade divina.”

A *Lumen gentium*, no número 42, fala desta obediência quando afirma que:

a Igreja também recorda a advertência do Apóstolo que, animando os fiéis à caridade, os exorta a terem os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus, ele que ‘se despojou a si próprio, tomando a condição de escravo [...] feito obediente até a morte’ (Fl 2, 7-8), e por causa de nós ‘se fez pobre, ele que era rico’ (2 Cor 8, 9).

Para compreender em profundidade esta capacidade de obedecer à semelhança de Cristo, é preciso compreender a perfeição cristã a partir do batismo que é um impregnar de Jesus Cristo em cada fiel. O conselho de São Paulo: “Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Cor 11,1), ou “[...] vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, [...]” (1Ts 1,6), e afirmação de São Pedro: “[...] Cristo sofreu por vós deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais os seus passos” (1Pd 2,21) é uma expressão da assimilação do Cristo, ou seja do mistério da santidade cristã. Assim, a obediência cristã exige de cada batizado comungar da obediência de Cristo, ou seja, assemelhar-se ao Cristo humilde, pobre e obediente. Trata-se de um mistério, de buscar ser outro Cristo, é o mistério de santificação, que vem de Deus, manifestado em Jesus Cristo. Santificar-se consiste essencialmente em reproduzir em si o Cristo por uma comunhão de vida com Ele ao ponto da imitação na obediência da fé.

4.1.1 A inclinação natural para amar

A *Lumen gentium*, no número 42, citando a Carta aos Romanos (5, 5) diz que “Deus difundiu a sua caridade nos [...] corações por meio do Espírito Santo” [...]. Como também na *Gaudium spes*, no número 14, quando diz que “pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações o

espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte”. Ademais, São Francisco de Sales afirma a inclinação natural de amar a Deus¹⁹. Em seu *Tratado do Amor de Deus* explica que o ser humano é criado à imagem e semelhança, sublinhando que há “[...] uma conveniência de semelhança, há uma correspondência admirável entre Deus e o homem para a sua recíproca perfeição” (SALES, 1894a, p. 75, tradução nossa). Deus é uma plenitude de amor que quer se comunicar, do outro lado, o gênero humano é ávido de comunicação. São dois extremos que se atraem. Por isso, explica o bispo genebrino:

[...] ainda que o estado da natureza humana não seja agora dotado de perfeição original, que o primeiro homem possuía na sua criação, [...], contudo a santa inclinação de amar a Deus sobre todas as coisas nos ficou, como também a luz natural pela qual conhecemos que a sua suma bondade é amável sobre todas as coisas; e não é possível que um homem, pensando atentamente em Deus, mesmo pela simples luz natural, não sinta um certo impulso de amor que a secreta inclinação da nossa natureza suscita no fundo do coração, [...] (SALES, 1894a, p. 78, tradução nossa).

De acordo com Ravier (1993), o amor chama amor. Se Deus assim ama o homem e a mulher como não amariam a Deus? Depois da queda, permanece a inclinação natural de amar a Deus, embora que não se tenha naturalmente o poder de realizar este desejo. A inclinação de amar permanece apesar das faltas cometidas. A própria *Lumen gentium* afirma no número 41, que “[...] todos cometemos muitas faltas (cf. Tg 3,2), temos contínua necessidade da misericórdia de Deus”, [...] por isso, é necessário tomar consciência da bondade de Deus a este respeito, e sentir o despertar a uma complacência e benevolência, e, finalmente, ao desejo de união, já que o “amor tende à união”. Apesar da concupiscência²⁰ e seus atrativos é possível alcançar a santidade de vida ou o fogo da devoção? O santo de Annecy afirma que não pensa:

¹⁹ A inclinação natural de amar a Deus sobre todas as coisas permanece em todos os seres humanos quando afirma o santo de Annecy “[...] que toda obra virtuosa deve ser considerada como *obra do Senhor*, mesmo que seja praticada por um infiel” (SALES, 1894b, p. 241). Para ele, aquele que não crê está orientado para Deus e pode optar por Deus segundo a luz natural. Assim, de progresso em progresso, o ser humano ascende para Ele. Mas, Deus não só convida, mas ajuda nesta escolha a todos. A opção da fé e do amor, que faz cada um, é um ato do coração humano e do coração de Deus (RAVIER, 1976).

²⁰ O desejo é resultante do ser sensível, a cobiça aumenta a vontade. A concupiscência é realmente um atrativo que reforça o movimento da vontade, deformando o apetite do bem.

[...] que o amor sagrado seja diretamente distribuído aos homens nem aos anjos, e menos ainda em virtude das suas condições naturais; nem que ele queira dizer que a distribuição do amor divino seja feita aos homens em harmonia com as qualidades e aptidões do seu natural (SALES, 1894b, p. 319, tradução nossa).

As graças que fazem progredir e alcançar a santidade cristã são distribuídas independentemente das habilidades naturais de cada um. Assim, a *Lumen gentium*, no número 40, afirma que Jesus pregou aos “[...] seus discípulos, de qualquer condição que fossem, a santidade de vida,” [...], e “[...] que Deus chamou e justificou no Senhor Jesus, não pelos seus méritos mas por seu desígnio e sua graça,” [...]. São Francisco de Sales, em sua teoria da “suprema ponta de espírito”, explica que a questão da santidade cristã é uma questão de amor de Deus. Porém a residência do amor divino, que Deus derrama nos corações por bondade, “[...] está na suprema ponta do espírito; ponta que é superior a todo o resto da nossa alma, e que é independente de qualquer compleição natural” (SALES, 1894b, p. 319, tradução nossa). Por causa desta independência do amor de Deus, cada um pode progredir, apesar das fraquezas naturais. O bispo de Genebra continua afirmando que “[...] não há natureza tão boa que não possa ser corrompida pelos vícios, não há também natureza tão rebelde que, pela graça de Deus primeiramente, depois pelo esforço e diligência, não possa ser modificada e reformada” (SALES, 1893, p. 68, tradução nossa)²¹.

É verdade que umas pessoas são naturalmente mais levadas pelo amor que outras e que, por este motivo, esta disposição

[...] as torna mais próprias a quererem amar a Deus, por outro são tão sujeitas a prender-se por afeição às criaturas amáveis, que a sua inclinação põe-nas em risco de se distraírem da pureza do amor sagrado pela mistura dos outros amores. O perigo de amar mal está ligado com a facilidade de amar (SALES, 1894b, p. 320, tradução nossa).

A santidade não depende da natureza humana, mas a natureza humana depende da vida da caridade. Por isso, o santo doutor exprime a facilidade de amar e o caráter mais ou menos atraentes que dá à perfeição. São Francisco de Sales exemplifica, em seguida, que, se houvesse

²¹ São Francisco de Sales põe o esforço e diligência humana subordinados ao primado da graça. Além disso, sem o amor de Deus nenhum esforço humano é capaz de santificar.

[...] duas pessoas, das quais uma é amorosa e meiga e a outra mal humorada e triste por condição natural, têm uma caridade igual, sem dúvida amarão em igual medida a Deus, mas não semelhantemente. O coração de naturalmente meigo amará mais fácil, amigável e docemente, porém não mais sólida nem mais perfeitamente. O amor nascido entre espinhos e as contrariedades dum caráter áspero e seco, é mais valoroso e glorioso, enquanto que o outro será também mais cheio de agrados e delícias (SALES, 1894b, p. 320, tradução nossa).

A santidade é aberta a todos independente do temperamento que cada um possui. Mesmo que um homem tivesse grandes defeitos que poderiam impedir o alcance da santidade, a graça divina supre como afirma São Francisco de Sales às religiosas da Visitação que “[...] não há dúvida que muitas vezes onde há menos da natureza, há mais da graça” (SALES, 1895, p.327, tradução nossa).

4.1.2A vocação universal à santidade

Assim, o santo Doutor afirma que “onde quer que estejamos, podemos e devemos aspirar à vida perfeita” (SALES, 1893, p. 21)²². São as últimas palavras do terceiro capítulo da primeira parte da *Introdução* que afirma que a santidade é conveniente a todo tipo de vocação e profissão. É o ensinamento do bispo de Genebra sobre a vocação universal à santidade cristã²³ que constitui o tema do capítulo quinto da *Lumen gentium*. É a afirmação de que a santidade cristã é para todos, não importando nem a condição nem a circunstância em que vivem.

Com sua experiência pastoral e de direção espiritual, São Francisco de Sales afirma a santidade para todos. Segundo o bispo de Genebra, todo o cristão pode se tornar santo qualquer que seja o seu estado de vida, função, raça ou etnia. Ele se insurgirá contra a concepção segundo a qual, certas pessoas não podem ser santas. Como escreve na *Introdução*:

é um erro, uma heresia, querer banir a vida devota do quartel dos soldados, da oficina dos artesãos, da corte dos príncipes, da classe das pessoas casadas. (...) Onde estejamos, podemos e devemos aspirar à vida perfeita. (SALES, 1893, pp.20-21, tradução nossa).

²² Este pensamento de São Francisco de Sales foi citado pela *Acta synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*, (AS V I, p. 587-588).

²³ Informa A. V. Amarante em seu artigo *La vocazione alla santità* que o tema da vocação à santidade encontrou uma renovação, graças à contribuição de São Francisco de Sales e de outros.

Dá-se à expressão “vida devota” o sentido de vida de santidade que transforma a vida quotidiana, possibilitando ao cristão viver em plenitude a caridade. Nota-se a força da expressão de São Francisco de Sales que não fala só de um erro, mas de uma heresia. Na perspectiva salesiana, todos são chamados à santidade. É suficiente que se pratique a “vida devota” segundo seu estado de vida, isto é, segundo a situação familiar, social e profissional, porque todos são capazes de ser santos desde que amem a Deus e o próximo e cuidem de seu dever de estado. Por isso, as virtudes que são melhores são conforme a situação. Escreve:

entre os exercícios das virtudes, devemos preferir aquele que é mais conforme ao nosso dever, e não mais conforme ao nosso gosto. [...] Cada vocação tem necessidade de praticar alguma virtude especial, [...] e apesar de tudo devem ter todas as virtudes, todas, entretanto, não as devem igualmente praticar, mas, cada uma deve particularmente adornar aquelas que são necessárias ao gênero de vida a que é chamado.

Entre as virtudes que não afetam nosso dever particular, devem-se preferir as mais excelentes, e não as mais vistosas (SALES, 1893, pp. 124-125, tradução nossa).

As exigências que se impõem à santidade estão conectadas à condição e não às opções.

A primeira condição de viver a caridade é sem dúvida se reconhecer amado por Deus (MOUROUX, 1961, p. 203). Desde sempre, é Deus que tem a iniciativa do amor, como insiste São Francisco de Sales quando aconselha:

considera o amor eterno que Deus manifestou por ti, porque já antes que Nosso Senhor Jesus Cristo como homem sofresse na Cruz por ti, sua divina Majestade te projetou em sua soberana bondade e te amou extremamente. (SALES, 1893, p. 359, tradução nossa).

Viver esta caridade pressupõe também perseverança. Enfim, para subsistir na caridade, é preciso amar não por obrigação moral, mas amar livremente e com firmeza, “alegremente”, como ele dizia. Enfim, São Francisco de Sales (1894b, p. 205), ainda diz “[...] amar o próximo por caridade, é amar a Deus no homem, ou ao homem em Deus” [...].

São Francisco de Sales lembra que a perfeição se relaciona com as pessoas e não com seu estado de vida, já que o amor nasce e se desenvolve em todos: “Só por caridade se chega à perfeição; mas a obediência, a castidade e a pobreza são os três grandes meios para adquiri-la. [...] para fazer-nos perfeitos, não é necessário

que sejam feitos votos, desde que sejam praticados” (SALES, 1893, p. 172, tradução nossa).

A concepção salesiana de santidade permite compreender que a santidade se destina a todos, já que a santidade não é outra coisa que a caridade perfeita. Por isso, é impossível um coração humano não amar a Deus e o próximo. Seria contra a natureza humana não amar. Por isso, a todos São Francisco de Sales se dirige quando diz:

considera a nobreza e excelência de sua alma, [...]. Sua alma tem mais uma vontade toda nobre, a qual pode amar Deus e não o pode odiar a si mesma. [...] Ah, que beleza de natureza que há em nosso coração! E, por que o mantermos contra sua vontade, em servir às criaturas? (SALES, 1893, p. 353-354, tradução nossa).

A vocação à santidade cristã é vocação ao amor e, por isso, mais interior do que exterior (ROFFAT, 1948). Assim, a santidade é acessível a todos quaisquer que sejam as suas condições e circunstâncias.

Sendo assim, São Francisco de Sales afirma que não é preciso abandonar as ocupações, que a perfeição é possível em todas as condições concretas da vida. Por isso, São Francisco de Sales é considerado, segundo Moulinet (2012), aquele que tornou clássica a afirmação da vocação universal à santidade, e, como é de seu costume, tira um exemplo da natureza para explicar tal conceito, quando afirma em sua *Filoteia* que:

Deus ordena, na criação, às plantas a trazer seus frutos, cada uma segundo seu gênero (Gn 1,2-12): assim ordena aos cristãos, que são as plantas vivas de sua Igreja, que produzam frutos de devoção, cada um segundo sua qualidade e vocação. A devoção deve ser diferentemente exercida pelo cavalheiro, pelo artesão, pelo doméstico, pelo príncipe, pela viúva, pela moça, pela casada; e não somente isto, mas é preciso acomodar a prática da devoção às forças, aos afazeres e aos deveres de cada particular. [...] a devoção não estraga nada quando é verdadeira, mas tudo aperfeiçoa, e quando se torna contrária à legítima vocação de alguém, é sem dúvida falsa. [...] mas a verdadeira devoção faz ainda melhor, porque não somente ela não estorva nenhuma sorte de vocação nem de afazeres, mas, ao contrário, ela as orna e embeleza. (SALES, 1893, pp. 19-20, tradução nossa).

Enfim, o evangelho a todos os homens e mulheres indistintamente é um dos eixos do ensino de São Francisco de Sales. Para ele todo cristão tem o dever de aspirar a uma santidade e ter todas as riquezas da sabedoria cristã. Portanto, ele acentuava que todos são chamados à santidade, à vivência evangélica, em qualquer

vocação ou profissão, como afirma a *Lumen gentium*, capítulo quinto, nas categorias de “vocação” e “santidade”.

O santo genebrês continua argumentando em relação à santidade para todos os batizados que, para a perfeição da caridade, não é preciso necessariamente ser chamado à vida religiosa consagrada, que é uma modalidade dentro da vocação à perfeição que se recebe do batismo. Segundo São Francisco de Sales, basta

[...] a obediência, a castidade e a pobreza [...] bem praticar essas três virtudes, cada um de acordo com sua vocação; porque ainda que elas não nos ponham no estado de perfeição, elas nos darão, contudo, a perfeição própria; também nós somos todos obrigados à prática dessas três virtudes, embora nem sempre a mesma prática (SALES, 1893, p. 172, tradução nossa).

Seu pensamento sobre este tema da universalidade da vocação à santidade se explica melhor quando diz que são “[...] as fúteis, vãs e supérfluas ocupações de que carregamos que nos distraem do amor de Deus, e não os verdadeiros e legítimos exercícios da nossa vocação” (SALES, 1894b, p.325, tradução nossa). A perfeição do cristão não está ligada à sua condição exterior, ou seja, às suas atividades, ocupações ou trabalhos, mas é uma questão de graça e do amor com que se praticam as ações exteriores (ROFFAT, 1966).

Ademais, segundo Roffat (1948) a perfeição é essencialmente uma questão interior. Pouco importa, portanto, a situação exterior, a posição social. O valor humano diante de Deus não vem das ações, quaisquer que sejam, mas do coração, do amor com que são praticadas, como ficou dito. A perfeição não vem da maneira exterior de viver, mas tem a ver com as qualidades relacionadas a partir do interior de cada um. Por isso, são qualidades comuns a todos e, em germe, podem se desenvolver no cotidiano. Enfim, o caminho da santidade é aberto a todos sem distinção de idade, sexo, ou condição social.

4.1.3A santidade cristã no cotidiano quanto aos estados de vida

Na verdade, a busca da santidade supõe a colaboração com a vontade divina. A caridade é um dom divino. Por isso, a *Lumen gentium*, número 41, diz que

[...] todos os fiéis santificar-se-ão dia a dia, sempre mais, nas diversas condições da sua vida, nas ocupações e circunstâncias, e precisamente

através de todas as coisas, desde que as recebam com fé, das mãos do Pai celeste, e cooperem com a vontade divina, manifestando a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo.

Esta perfeição pertence, então, à ordem da caridade que qualifica todas as ações na vida quotidiana.

Enfim, todos são chamados a amar na Igreja: como leigos, consagrados e ordenados. Chamados a amar e acolher a vontade de caridade que Deus dá em pleno movimento da vida. O amor surge em forma de vocação (MOURoux, 1961, pp. 202-203). O amor faz parte do drama humano, como bem explicou o Doutor da Igreja ao dizer que “a caridade deve ser chamada amor” (SALES, 1984a, p. 72, tradução nossa).

São Francisco de Sales expõe a santidade para todos no meio da convivência social e das ocupações, lembrando o comportamento das crianças à sua Filoteia:

faça como as crianças que com umas das mãos seguram ao seu pai, e com a outra colhem os morangos ou amoras ao longo das cercas; assim, enquanto extrais e manejas os bens deste mundo com uma de tuas mãos, tem sempre a outra mão no Pai celeste, voltando-te de vez em quando para ele, para ver se lhe é agradável o teu trabalho ou tuas ocupações. E cuida bem de todas as coisas para não deixar sua mão e sua proteção, pensando em aumentar ou coletar mais; porque se desistires, não farás nada sem dar de nariz na terra. Quero dizer, minha Filotéia, que quando estiveres entre afazeres e ocupações normais, que não exigem uma grande atenção, tão e tão urgente, contempla mais a Deus que os afazeres; e quando os afazeres são tão importantes que requerem toda a tua atenção para estarem bem feitos, de vez em quando contempla a Deus, como fazem aqueles que navegam no mar que, para ir à terra que desejam, olham mais para o céu que para baixo onde navegam. (SALES, 1893, p. 171, tradução nossa).

Enfim, o santo de Annecy ensina a fidelidade em todas as coisas vivendo a caridade diariamente. A santidade, com efeito, se vive nesta fidelidade nas pequenas quanto nas grandes coisas à medida que se vá num ritmo ascendente de confiança em Deus. A santidade é alimentada quotidianamente pelo dom da graça.

4.1.4 Os meios de santificação

Sabe-se que a *Lumen gentium*, número 42, afirma que a caridade é dom principal que para se manifestar necessita dos meios de santificação como a escuta da Palavra de Deus, cumprimento da vontade divina, sacramentos, oração, abnegação de si mesmo, serviço fraternal e as virtudes em geral. A caridade é dom

de Deus que também “[...] dá a eficácia a todos os meios de santificação” (IPARRAGUIRE, 1965, p.1081). Também o Catecismo da Igreja Católica (CIC 2346) afirma a mesma coisa quando diz que “a caridade é a forma de todas as virtudes”. Para o autor do *Tratado*, “[...] o amor celeste compreende em si a diversidade das perfeições de todas as virtudes” [...] (SALES, 1894b, p. 264). Além disso, o texto conciliar começa enumerando a Palavra de Deus; também o santo de Annecy, em sua obra da *Filoteia*, que consagra na segunda parte para os meios da devoção, um capítulo para a Palavra de Deus.

São Francisco de Sales dedica a maior parte dos dez primeiros livros do *Tratado do amor de Deus* a explicar o amor proveniente de Deus para com o homem e a mulher. É a caridade perpétua de Deus que ama e previne todas as necessidades. Ele afirma que “[...] Deus é Deus do coração humano” [...], e “[...] essa confiança que o coração humano acha naturalmente em Deus, certamente não pode provir senão da boa conveniência que há entre essa divina bondade e a nossa alma” (SALES, 1894a, p. 74, tradução nossa).

Por isso, concede a graça necessária a todos na busca da santidade. Falando da providência divina, o santo doutor afirma que “[...] a providência soberana não é outra coisa senão o ato pelo qual Deus quer fornecer aos homens e aos anjos os meios necessários ou úteis para conseguir o seu fim” (SALES, 1894a, p.96-97, tradução nossa). O que significa “Deus quer” na concepção de santidade do bispo de Genebra? Certamente um desejo ativo de Deus que é um ato eterno, único, providente pelo qual Deus previu e projetou os meios necessários a todos para conseguirem o fim a que os destinara.

4.1.5A santidade como dom divino

A Constituição *Lumen gentium*, no número 40, afirma que “[...] empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida da dádiva de Cristo, para alcançar esta perfeição,” [...]. O dom da santidade é possível a todos, respeitando a liberdade humana, assim Deus oferece a:

[...] modo de desejo e não à maneira de querer absoluto, [...] quer que possamos resistir, quer que não resistamos, e, todavia permite que resistamos, se quisermos. [...] Esta espécie de benefício quer-se oferecida por convites, admoestações e solicitações, e não com violências. [...] Assim como os raios de sol não deixam de ser verdadeiros raios por serem

repelidos e interceptados por algum obstáculo, assim a vontade significada de Deus não deixa de ser verdadeira vontade de Deus, ainda que se lhe resista, e embora ela não faça tantos efeitos como se a secundássemos (SALES, 1894b, p.65-66, tradução nossa).

Porém, o que vem a significar este “fim” no conceito de santidade segundo a teologia de São Francisco de Sales? É sem dúvida, a própria santidade ou perfeição cristã. Deus deseja a santidade para todos como o santo Doutor afirma que o desejar de Deus é que se sejam todos perfeitos, já que o amor de Deus quer a santidade e dá recursos para alcançá-la. Citando 2Cor 3,5, São Francisco de Sales afirma que “(...) toda nossa suficiência é de Deus, que nos amou para que fôssemos santos” (SALES, 1894a, p. 117, tradução nossa).

E, citando o salmo 26,4, interroga:

[...] que são as delícias da suma bondade, senão difundir-se e comunicar as suas perfeições? [...] A nossa santificação é a vontade de Deus (1Ts 4,3), e a nossa salvação é o seu melhor desejo. Não há diferença entre o melhor desejo e a melhor delícia, nem, conseqüentemente, entre a melhor delícia e a boa vontade divina (SALES, 1894b, p. 69, tradução nossa).

Portanto, desejo de Deus de salvar a todos é o desejo da santificação. Os meios necessários e úteis que dá Deus para alcançar o fim são aplicáveis à aquisição da perfeição cristã desde agora na Igreja.

O amor é a causa de toda ação de Deus, de sua gratuidade e generosidade. Todos os mistérios da fé cristã são, para São Francisco de Sales, mistérios de amor: criação, encarnação, redenção, filiação divina, Igreja, sacramentos.

Lumen gentium, no número 2, diz que todos “[...] pecaram em Adão”. É o mesmo que estar privado da graça santificante e do amor. Em *Gaudium et spes*, no número 13, também diz sobre a realidade do pecado que:

[...] estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora deles. [...] Mas o Senhor em pessoa veio, para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente e lançando fora o príncipe deste mundo (cf. Jo 12,31), que o mantinha na servidão do pecado. Porque o pecado diminui o homem, impedindo-o de atingir a sua plena realização.

Enfim, o Concílio fala também da falta de santidade e de justiça. No mesmo modo, São Francisco de Sales citando Jr 31,3-4 diz que

“com amor muito antigo é o que sinto por ti; por isso, guardo por ti tanta ternura! Vou reconstruir-te, será restaurada, virgem Israel”. São palavras de Deus, pelas quais ele promete que o Salvador, vindo ao mundo, estabelecerá um novo reino na sua Igreja, que será sua esposa virgem e verdadeira Israelita espiritual (Jo 1,47).

Ora, [...] isto ‘não por causa dos atos de justiça que tivéssemos praticado, mas por sua misericórdia’ (Tt 3,5) nos salvou; por aquela antiga, ou antes, eterna caridade, que moveu a sua divina providência a atrair-nos a si; porque, se o Pai nos não tivesse atraído, nunca nos teríamos aproximado do Filho nosso Salvador (Jo 6,44), nem por consequência à salvação.

Há certas aves, [...] que Aristóteles chama ápodas, porque têm as pernas extremamente curtas, e os pés sem forças, que não podem servi-se deles, que quando caem no chão, ali ficam presas, sem que por si mesmas possam retomar o voo, visto não poderem fazer uso das pernas nem dos pés, tão pouco têm meios de se impelirem e se lançarem ao ar, e, por conseguinte jazem inertes e morrem, a não ser que algum vento propício as levante da terra, como faz a muitas outras coisas. Porque, se, empregando suas asas correspondendo a este movimento e primeiro impulso que o vento lhes dá, o mesmo vento continua também a auxiliá-las, impelindo-as cada vez mais a voar.

[...] Nós, os homens, parecemo-nos mais com os ápodas, porque, se nos acontece de deixar o ar do santo amor divino para tomar terra e nos prendermos às criaturas, o que fazemos todas as vezes que ofendemos a Deus, morreremos certamente, mas não duma morte tão completa que nos não fique algum movimento, e com isso pernas e pés, isto é, certos pequenos afetos que nos podem animar a fazer algumas tentativas de amor. Mas isso, contudo, é tão fraco, que em verdade já não podemos por nós mesmo desprender os corações do pecado, nem retomar o voo da sagrada dileção, a qual, mesquinhos como somos, pérfida e voluntariamente deixamos.

[...] a bondade divina procura retirar-nos da desgraça, enviando o vento favorável da sua santíssima inspiração, a qual, excitando com doce violência aos nossos corações, os apanha e os move, elevando os pensamentos e impele os nossos afetos para a atmosfera do divino amor.

Este primeiro impulso ou comoção, que Deus opera nos corações para excitá-los ao bem, produz-se em nós, mas não por nós; porque aparece de

improvisado, sem que nisso tenhamos pensado, nem podido pensar. 'Por nós mesmos, não somos capazes de pôr a nosso crédito qualquer coisa como vinda de nós' (2Cor 3,5), que não somente nos amou antes que existíssemos, mas ainda a fim de que existíssemos, para que 'fossemos santos' (Ef 1,4), e por isso nos previne 'com as bênçãos da sua doçura' (Sl 21,4) paternal e excita-nos ao arrependimento e à conversão.

[...] A inspiração vem do céu [...], a qual batendo direto sobre o coração do pobre pecador, excita-o a levantar-se da sua iniquidade.

Não é, pois, verdade, [...] que esse primeiro impulso e abalo que alma sente, quando Deus a acorda e excita a deixar o pecado, para volver a Ele, se opera em nós e para nós, mas não por nós?"(SALES, 1894a, pp. 115-118).

Mas, para o santo Doutor, Deus colocou no ser humano um atrativo para com Ele, graça e bondade suprema. Ora, este atrativo permanece sempre, apesar do pecado. Esta correspondência, em certos momentos, está escondida ou adormecida, mas Deus a utiliza para atrair livremente o pecador em direção da justificação.

A encarnação é o fim último da primeira criação, enquanto as criaturas participam, em Cristo, da união do humano com o divino em sua mais perfeita realização, pois em Cristo se dará a nova criação, quando todas as coisas forem nele plenificadas: Rm 8 e Col 1. Nesse sentido está incluída a finalidade redentora, pois é a criação real com o drama do homem e mulher pecador que deve chegar a Cristo à plenitude da comunhão com a glória do Pai. Portanto, para o autor do *Tratado do Amor de Deus*, o Verbo Encarnado está no centro da criação.

Para São Francisco de Sales, a encarnação é um dom. Quem, pois, poderá duvidar, questiona então, da abundância dos meios de salvação ofertados ao ser humano por Deus? Cristo morreu por todos:

todos foram esclarecidos, como de uma luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1,9), todos receberam a sua parte, como de uma semente que cai não somente na terra boa, mas no meio dos caminhos, entre os espinhos e sobre as pedras (Mt 13,4), de modo que todos fossem indesculpáveis (Rm 1,20) perante o Redentor, se para a sua salvação não empregassem essa abundantíssima redenção (SALES, 1894a, pp. 108-109, tradução nossa).

Portanto, todos são salvos pela morte de Cristo. O alcance salvífico da morte de Cristo é universal: morreu por todos. Ademais, à vontade salvífica universal de Deus é uma afirmação clássica em São Francisco de Sales que precisaria outro trabalho de pesquisa para aprofundá-la.

Enfim, “[...] a nossa perda foi-nos de proveito, porque na verdade a natureza humana recebeu mais graça pela redenção do seu Salvador, do que nunca teria recebido pela inocência de Adão, se ele houvesse perseverado nela” (SALES, 1894a, p.104, tradução nossa). Segundo o santo de Annecy, o estado de redenção, portanto é mais excelente que o estado de inocência. Enfim, Deus oferece abundantemente as graças, a cada um, para alcançar a santidade.

Assim, o estado atual do homem e da mulher é o estado da:

[...] copiosa redenção (SI 129,7), abundante, superabundante, magnífica e excessiva, que nos adquiriu, e, como que reconquistou todos os meios necessários para alcançarmos à glória, de sorte que ninguém possa jamais, queixar-se, como se a misericórdia divina faltasse a alguém (SALES, 1894a, p. 102, tradução nossa).

A cada um é dada a possibilidade de alcançar a santidade com todas as graças para viver o amor de Deus que é a perfeição cristã. Cada um recebe de Deus abundantemente a possibilidade de amar de todo seu coração, oferecendo os meios de amar e amando cada um para salvar.

4.2 HÁ OBRIGAÇÃO À SANTIDADE CRISTÃ?

Se a santidade cristã é dom de Deus como pode ser obrigação para todos na Igreja? Se a santidade cristã é obrigação, como apresentar a liberdade humana? Para o santo bispo a liberdade é a liberdade do amor que é sujeita às exigências do Amor, à lei de Deus, que é a lei da caridade. Para ele, o ser humano é livre e não faz nada de bom senão livremente. O próprio Deus age livremente. Enfim, escrevendo à baronesa de Chantal, afirma que “[...] é preciso em toda parte que a santa liberdade e franqueza reinem e que não tenhamos outra lei ou coação que o amor” (SALES, 1904, p. 184).

Ademais, o dom da própria vontade humana em vista da perfeição do amor é, sem nenhuma dúvida, a resposta livre ao amor de Deus. Porque Deus respeita a liberdade humana, não impõe sua força senão por amor, mas prefere provocar no

coração humano pela força da graça. Portanto, à luz da fé, em pleno dinamismo da caridade, a liberdade humana não é violada, porque é livremente e de bom grado que se diz “sim” ao chamado de Deus à santidade cristã. Portanto, o amor e a liberdade se conjugam quando afirma que:

a graça é tão graciosa e prende tão graciosamente os nossos corações para atraí-los, que não prejudica a liberdade da vontade; apenas estimula poderosa, mas tão delicadamente as molas do nosso espírito, que nosso livre arbítrio não sofre com isso violência alguma” (SALES, 1894a, p. 127, tradução nossa).

Assim, cada um é chamado a amar a Deus e ao próximo na maior totalidade da liberdade humana rumo à santidade.

4.2.1 O convite à santidade cristã

No entanto, entre a teologia de São Francisco de Sales e o quinto capítulo da *Lumen gentium*, número 40, há uma aproximação direta a respeito deste ponto da obrigação estrita e moral à santidade cristã, em referência ao mandamento de amar a Deus com todo coração, com toda alma, com toda a mente e com todas as forças (Mt 12,30) e de os homens se amarem uns aos outros como Cristo os amou (Jo 13,34; 15,12). Desse modo, a obrigação de tender à santidade é comum a todos os fiéis que devem ser santos, afirmação que se acha nos números 39 e 42 da *Lumen gentium*, e se refere à pertença ontológica e da união à Igreja que é santa, como também se refere à exortação de Cristo para que todos sejam santos e à lei do amor (LG 40). Também São Francisco de Sales se refere particularmente a exortação de Cristo e à lei do amor. Porém Cristo une os fiéis a ele próprio no mistério da Igreja, já que na Igreja se prolonga sua santidade como afirma a própria *Lumen gentium*. A Igreja comunica a santidade de Cristo, já que Deus centralizou a salvação em seu Filho. Ademais, a Igreja, que é mistério, está unida a Jesus Cristo que forma com ela uma única realidade. Assim, o mistério de Cristo se prolonga no mistério da Igreja. Além disso, no final do número 42, a mesma Constituição refere também que “[...] todos os fiéis são convidados e obrigados a tender a santidade e perfeição do estado próprio”. Portanto, igualmente escreve São Francisco de Sales que Deus “[...] com tanto amor e suavidade nos convida à perfeição, [...]” (SALES, 1894b, p. 83).

Ao pertencer e estar unido à Igreja, cada um participa ontologicamente da santidade de Deus, a qual se difunde em Cristo. Além disso, a santidade que consiste na perfeição da caridade que tem como objeto Deus, ela se difunde em Deus e por Deus ao mundo e à Igreja. Em Cristo, a caridade encontra seu centro e em seu coração alcança misteriosamente todos os homens e mulheres na comunhão dos santos. Abraça a todos pelo Cristo e pela Igreja. Assim, a participação de todos da vida santa e santificante de Deus é obrigação estrita e moral como ensinam a Constituição *Lumen gentium* e São Francisco de Sales.

Por outro lado, o nexos que se percebe entre a reflexão de São Francisco de Sales com o quinto capítulo da *Lumen gentium*, que se refere à santidade e sua perfeição, consiste em ser inserido no dinamismo da graça batismal na configuração com Cristo. Por isso, das exigências ontológicas surgem as exigências morais. Assim, a *Lumen gentium* afirma que a perfeição da santidade é para todos, que essa obrigação de tender a ela projeta sobre todos os batizados.

4.2.2O primado do amor

Também, o primado da caridade é uma oferta da graça divina, à qual cada um deve responder mediante a obediência radical, sem o qual é impossível a santidade. A própria *Lumen gentium*, no número 40, ao falar da vocação universal à santidade, afirma que Deus “[...] enviou a todos o Espírito Santo para movê-los interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda alma, com toda a mente e com todas as forças (cf. Mc 12,30) e a amarem-se uns aos outros, como Cristo os amou (cf. Jo 13,34; 15,12)”. Assim a vida e o progresso na caridade não é um simples conselho, mas o mandamento do amor. Já que Deus nos ama ao se dar, cabe ao ser humano aceitar este dom respondendo a Deus com este mesmo amor que Ele infundiu em cada um pelo Espírito Santo. Assim, cada um ama com o amor divino. Esta resposta consiste no primeiro mandamento da lei de Deus, que é dom divino do amor que se exige de cada um²⁴.

²⁴ O Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização lançou um volume sobre *Os santos e a misericórdia* para ser uma ajuda para viver o Ano Jubilar, afirma em sua introdução o mesmo pensamento de esforço dos santos para observar o duplo mandamento e a misericórdia como um “[...] dom de poder abraçar Deus e o homem ao mesmo tempo,” [...].

Partindo-se, então, do conceito de que a santidade cristã é a perfeição da caridade, São Francisco de Sales refere no *Tratado do Amor de Deus* a lei do amor a Deus sobre todas as coisas, e que Deus não só permite amar, mas que ordena amar com todas as forças: “Não bastava que ele houvesse permitido amá-lo, [...]. Mas não, faz mais, declara-nos antes a sua paixão amorosa para conosco, e nos ordena amá-lo com todo o nosso poder, [...]” (SALES, 1894a, p. 112, tradução nossa).

Assim, o mandamento tem força de obrigação no sentido estrito. Porque, o mandamento é a vontade de Deus absoluta: “O mandamento supõe uma vontade absoluta e formal daquele que ordena, [...]. O mandamento obriga, [...]. O mandamento torna culpados os transgressores, [...]. Os violadores dos mandamentos merecem ser condenados [...]” (SALES, 1894b, p. 74, tradução nossa). Alhures, diz São Francisco de Sales: “Oh verdadeiro Deus! Se bem soubéssemos compreender, em que obrigação não nos sentiríamos para com esse sumo bem que não só permite, mas nos ordena que o ame” (SALES, 1894b, p. 166, tradução nossa).

Portanto, para o bispo genebrês, a obrigação é estrita em relação ao primeiro mandamento: “[...] obrigados a observá-lo muito estritamente, por ser lei fundamental que o rei Jesus deu aos cidadãos da Jerusalém militante, para lhes poder merecer a cidadania e a alegria da Jerusalém triunfante” (SALES, 1894b, p.169, tradução nossa).

Deste modo, a santidade é um fim a alcançar e o mandamento do amor de Deus obriga. Mas, em contrapartida, é também uma tendência, quando se toma consciência da santidade. Porque a santidade nunca é ponto de chegada, mas sempre ponto de partida, como inspira o quinto capítulo da *Lumen gentium*. Aqui há um nexos completo com o texto conciliar. É impossível ser santo ou santa de uma vez, mas atingir a santidade é algo que acontece pouco a pouco. Assim, afirma São Francisco de Sales que “cada um é obrigado aspirar à perfeição da vida cristã, porque Nosso Senhor ordena que sejamos santos (Mt 5,48), e são Paulo o repete também (2Cor 13,2; Ef 6,13; Cl 4,12)” (SALES, 1932, p 185, tradução nossa). O termo obrigação de aspirar à santidade cristã na teologia de São Francisco de Sales é evidente: “As palavras com que Nosso Senhor nos exorta a tendermos e pretendermos a perfeição são tais, que não poderíamos dissimular a obrigação que temos de nos esforçarmos nesse desígnio” (SALES, 1894b, p.81, tradução).

Portanto, a obrigação é um compromisso de tender à santidade como fim ou, segundo as palavras do santo doutor, pretender à perfeição cristã.

A obrigação de se tornar santos é, portanto universal, porque está debaixo do preceito geral como fim a alcançar e é razoável:

o princípio das coisas boas é bom, o progresso é melhor e o fim é ótimo. Todavia, o princípio é bom como princípio, e o progresso como progresso; mas querer terminar a obra pelo princípio ou pelo progresso, é subverter a ordem. A infância é boa, mas se não se quisesse nunca sair da infância, isso seria mau, porque 'a criança de cem anos' (Is 65,20) é desprezada. Começar a aprender, é muito louvável; mas quem começasse com a intenção de nunca se aperfeiçoar, agiria contra toda razão (SALES, 1894a, p. 152, tradução nossa).

A obrigação universal de tender à santidade cristã implica a obrigação de querer progredir, portanto, a obrigação de progredir constantemente no amor divino todos os dias da vida. Neste sentido de progresso na caridade, o santo de Annecy, ensina que se progride por graus de amor até no mais alto grau:

havendo tão diversos graus de amor entre os que verdadeiramente amam, não há, contudo senão um só mandamento de amor que obriga em geral e igualmente a cada um com uma obrigação toda semelhante e totalmente igual, embora seja observado diferentemente e com infinita variedade de perfeições, [...]. Qual é, pois, o grau de amor a que o divino mandamento nos obriga a todos igual, universalmente e sempre? [...] O amor de Deus é o amor sem par, porque a bondade de Deus é a bondade incomparável. 'Escuta Israel: o teu Deus é o único Senhor, e, portanto amá-lo-ás de todo o teu coração, [...]' (Dt 6,4-5). Por ser Deus o único Senhor, e por a sua bondade ser infinitamente superior a toda bondade, é preciso amá-lo com um amor elevado, excelente, e poderoso, acima de toda comparação. [...] Em suma, é o amor de excelência, ou a excelência do amor, que é mandado a todos os mortais em geral, e a cada um em particular, desde que têm o livre uso da razão: amor suficiente para cada um, e necessário a todos, para se salvarem (SALES, 1894b, pp. 186-187, tradução nossa).

Respondendo à questão, São Francisco de Sales, ele próprio responde com alto grau de amor com mais alto grau de santidade que todos são obrigados a tender. Porque o amor é maior. Trata do progredir na santidade que consiste na perfeição da caridade, que é sem dúvida, a resposta a mais perfeita ao amor de Deus.

4.2.3A única santidade em diversas vocações e estados de vida

A respeito da condição ou estado próprio, gênero de vida e diferentes profissões deve-se “[...] enveredar sem hesitação pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera pela caridade” (LG 41). Além do mais, todos são, “[...] obrigados a tender para a santidade e perfeição do estado próprio” (LG 42). Neste sentido, aproxima com que São Francisco de Sales ensinava ao instigar a vivência do amor de Deus na vida de cada um segundo sua condição reconhecida pela Igreja, como afirma *Lumen gentium* 39.

Assim, São Francisco de Sales começa pelo cumprimento do mandamento de amar a Deus e defende que:

para realizar um ato de verdadeira caridade, é preciso que ele proceda de um amor total, geral e universal, porque, se nos falta o amor num só mandamento, o nosso amor já não é total nem universal, e o coração em que ele está não pode ser dito verdadeiramente amante, nem por consequência verdadeiramente bom (SALES, 1894b, p. 200, tradução nossa).

Na verdade, não há cumprimento dos mandamentos fora do dever de estado e sem o cumprimento do dever de estado: “[...] a devoção não estraga nada quando é verdadeira, mas tudo aperfeiçoa, e quando se torna contrária à legítima vocação de alguém, é sem dúvida falsa” (SALES, 1893, p. 20, tradução nossa). Portanto, há conselhos cujo cumprimento se impõe diretamente pelo dever de estado e indiretamente pelo mandamento do amor.

4.2.4 A liberdade, conselhos e inspirações

E quanto à liberdade humana diante da obrigação de tender à santidade cristã, o que afirma o bispo de Genebra? De modo geral, a obrigação de tender à santidade cristã que é posta por Deus como obrigação estrita ao duplo mandamento do amor, há o que é oferecido para o progresso da santidade, a nossa generosidade, para que se possa escolher livremente sem coação. Enfim, diz que deixa “[...] o espírito de liberdade, não o que exclui a obediência, porque é a liberdade da carne, mas o que exclui a coerção, o escrúpulo e a pressa” (SALES, 1902, p. 359).

A teologia do santo Doutor da Igreja se refere a conselhos e inspirações. Na Constituição *Lumen gentium* encontram-se estes mesmos elementos. Diz o número

42 da *Lumen gentium* que “fomentam também a santidade da Igreja, de modo especial, os muitos conselhos cuja observância o Senhor propõe aos seus discípulos no Evangelho”. Portanto, os conselhos são referidos diretamente, mas as inspirações são referidas indiretamente em conexão com Espírito Santo.

Mas antes é preciso entender que a liberdade, segundo São Francisco de Sales, está na vontade humana como foi explicado no capítulo precedente da dissertação. A vontade pode repelir o amor quando quer, mas para viver e reinar o amor de Deus é necessário destruir o amor próprio, de acordo com o santo de Annecy. Depois, de acordo com São Paulo, basta a graça de Deus, porque sua força se realiza na fraqueza (cf. 2Cor 12,9).

Os conselhos se entendem de modo geral, inclusive os conselhos evangélicos, como também a Constituição *Lumen gentium* números 39 e 42 refere a castidade, pobreza e obediência, mas de modo geral às palavras e ações de Cristo. Todos os conselhos para São Francisco de Sales (1894b, p. 80) “[...] são dados senão para mais perfeitamente observar os mandamentos, [...]”. Enfim, os conselhos são meios para alcançar a perfeição da caridade que é a rainha de todas as virtudes, mandamentos, conselhos, leis e ações cristãs que dá posição, ordem, tempo e valor. Assim afirma o santo de Annecy que a vocação universal à santidade, é buscada por cada um de acordo com a diversidade dos estados de vida, porque:

[...] Deus não quer que cada um observe todos os conselhos, mas só aqueles que são convenientes, segundo a diversidade das pessoas, dos tempos, das ocasiões e das forças, como exige a caridade. [...] Todos os conselhos são dados para a perfeição do povo cristão, mas não para a de cada cristão em particular. Há circunstâncias que os tornam impossíveis, inúteis, às vezes perigosos, e até prejudiciais para alguns, [...]” (SALES, 1894b, pp. 75-76, tradução nossa)²⁵.

Resta a liberdade de seguir ou não determinado conselho, mas não deixar de amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo, que é preferir a vontade de Deus a todas as coisas, de acordo com o autor do *Tratado*.

Além disso, São Francisco de Sales sustenta, nas *Controvérsias*, que a Igreja deve praticar a perfeição da vida cristã e, baseando-se nos Padres da Igreja, diz que

²⁵ Este texto foi citado pela *Acta synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*, (AS V I, p. 590).

na Igreja os conselhos evangélicos são vividos por muitos cristãos, e conclui que na verdadeira Igreja, pois, deve reluzir a perfeição da vida cristã.

No entanto, a caridade está em relação aos conselhos evangélicos. Afirma São Francisco de Sales que Deus não quer que cada pessoa observe todos os conselhos, mas os que são convenientes, de acordo com a diversidade das pessoas, do tempo, das ocasiões e das forças, tal como requer a caridade. Porque é a caridade que, como rainha de todas as virtudes, de todos os mandamentos, de todos os conselhos, e em suma, de todas as leis e todas as ações cristãs, dá a todos o alcance, ordem, tempo e valor.

Quanto à inspiração como aos conselhos estão ligados ao cumprimento da vontade de Deus, segundo São Francisco de Sales. Inspiração em geral, significa:

[...] todos os atrativos da graça, movimentos, reprovações e remorsos da consciência, luzes e conhecimentos que Deus faz em nós, alertando nosso coração com suas bênçãos (Sl 20,3), cuidado e amor paternal, a fim de nos revelar, excitar, impulsionar e atrair às santas virtudes, ao amor celestial, aos bons propósitos, em uma palavra, a tudo o que nos encaminha ao nosso bem eterno. Isto é o que o Esposo chama bater (Ct 5,2) na porta e falar ao coração de sua esposa (Is 11,2; Os 2,14), despertá-la quando dorme (Ct 5,2), gritar e chamar quando está ausente (Ct 2,10), convidá-la ao seu mel e colher maçãs e flores em seu jardim (Ct 51, 6.1), e a cantar e fazer ressoar sua doce voz aos ouvidos (Ct 2,14) (SALES, 1893, p.108).

Também se encontra toda argumentação sobre as inspirações no *Tratado do Amor de Deus*, no livro oitavo, nos capítulos décimo ao décimo terceiro. Em síntese, São Francisco de Sales diz que

a inspiração é um raio celeste que traz aos nossos corações uma luz calorosa, pela qual nos faz ver o bem, e nos aquece na procura dele. [...] Quanto ao sopro de Deus não só aquece, mas ilumina perfeitamente, porque o Espírito divino é uma luz infinita, cujo sopro vital se chama inspiração: visto que por ele essa suprema vontade sopra e inspira em nós os desejos e intenções do seu coração (SALES, 1894b, pp. 89-90).

E continua a falar sobre que é preciso amar toda criatura, agir com equilíbrio, permanecer na vocação, na tranquilidade do coração com uma verdadeira humildade. Obedecer a Igreja, e fazer o que Deus quer. É o que o autor do *Tratado* diz nestes capítulos.

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao identificar os pontos teológicos como a inclinação para amar a Deus, a vocação universal à santidade cristã propriamente dita, a santidade na vida quotidiana, os meios de santificação, a santidade como dom, o convite à santidade cristã, o primado do amor, a única santidade em diversas vocações e os conselhos evangélicos é possível concluir que há pontos comuns entre a teologia da vocação à santidade de São Francisco de Sales e a Constituição *Lumen gentium*. Portanto, nada há de contraditório entre estas duas teologias abordadas neste estudo.

Ao considerar a tendência e o dever de tender à santidade cristã em ambas as teologias conclui-se que são dois movimentos da graça batismal. No primeiro, ao falar da tendência de todos à perfeição da caridade, percebe-se a ação de Deus, já que a santidade cristã é manifestada pelos frutos que o Espírito Santo realiza em cada um dos batizados. E, no segundo, o dever dos seguidores de Cristo de tender à santidade, como afirma a própria *Lumen gentium*, no número 40, “[...] devem, com ajuda de Deus, conservar e aperfeiçoar na sua vida a santidade que receberam”, percebe-se a resposta humana à graça batismal.

Em resumo, é possível concluir que existe o compromisso pessoal de cada um, em seu esforço generoso em direção a uma resposta e uma correspondência fiel ao chamado inscrito no batismo em cada um, à santidade. Ademais, conclui-se que a perfeição evangélica não é sujeita a lei de preceitos, mas ao mandamento do amor (Jo 15,12.17), única lei em que todas as outras agora são absorvidas, e que é o “mandamento novo” (Jo 13,34-35), neste ponto que “nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Por sua vez, São Paulo insiste sobre o fato que a vida cristã se desenvolve não sob a lei, mas sob a graça (Rm 6,14). Portanto, a teologia de São Francisco de Sales entende-se sob esta ótica bíblica. Para ele, a obrigação à santidade consiste no querer progredir nela com perseverança até o fim. A exigência a santidade não se caracteriza por um pelagianismo²⁶ porque não se nega o primado da graça, porque a iniciativa e o agir

²⁶ Movimento iniciado por Pelágio, monge nascido na Grã Bretanha por volta do fim do século quarto. Para o pelagianismo, não há pecado original. Adão foi criado mortal e sujeito à concupiscência mesmo antes de seu pecado, o ser humano pode sempre, por si mesmo, fazer o bem. O querer e o fazer humano são íntegro, sem ferida. Portanto, concebe a liberdade humana como um poder plenamente autônomo, que pode e deve por si mesmo observar à lei divina, por isso, nega a

humano virtuoso está num segundo momento dependente da graça. O cristão é santo, porque na graça participa da santidade de Deus e está disponível à liberdade do Espírito, concomitantemente deve progredir na santidade. Aqui reside toda a diferença com uma obrigação absoluta à santidade pelos próprios esforços humanos como se a santidade fosse ponto de chegada.

Enfim, a prática dos conselhos e inspirações, que está à livre escolha, manifesta a perfeição da caridade que está em germe em qualquer estado de vida, visto que a prática dos mandamentos, que é obrigatória a todos os batizados, inclui o mandamento do amor que não tem limites, e que a graça batismal opera esta caridade, levando todos os fiéis à santidade cristã²⁷. Além disso, a santidade cristã é obrigatória para todos os fiéis na Igreja como tendência porque se pertence ontologicamente à Igreja que é santificada pelo Cristo (cf. Ef 5,25-26). Por outro lado, como também inclinação para o amor, porque é alma, princípio, fonte e fim do movimento da santidade cristã como ensina o santo Doutor, ao descrever o dinamismo do amor, nos termos da caridade.

necessidade da graça para observar a lei moral. Foi condenado pela Igreja desde o século quinto (DH 222-230; 231; 238-249; 267-268) e pelo Concílio de Trento (DH 1510-1514; 1521; 1561-1563).

²⁷ Hans Urs von Balthasar aborda este tema em sua obra: **Estados de vida del cristiano**. Madrid: Encuentro, 1994. (Ensayos; n.85).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro objetivo desta pesquisa foi descrever o contexto histórico e teológico em que aparece o tema do capítulo quinto da *Lumen gentium* que consiste na vocação à santidade, que foi aos poucos se desenvolvendo no Concílio Vaticano II, à medida que os padres conciliares tomaram consciência, ao se depararem com o esquema *De Ecclesia*. A emergência da temática da santidade tornou-se uma realidade tangível e partilhada por um número crescente de padres conciliares. É a partir do capítulo sobre os religiosos do esquema *De Ecclesia* que se ampliou a vocação à santidade para todos na Igreja.

No trabalho de pesquisa, procurou-se mostrar que a vocação universal à santidade consiste num eixo fundamental tanto em *Lumen gentium* quanto em São Francisco de Sales. A perfeição da caridade é uma exigência para todos a partir do mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas. Mas é a partir da eclesiologia que se toma consciência que a Igreja é uma comunhão fundada sobre a comunhão trinitária, que o tema da vocação universal à santidade aparece no quinto capítulo da *Lumen gentium*, a todos convidando e obrigando a tender para a santidade e perfeição cristã (LG 42). É a mesma santidade para todos, mas de acordo com o estado de vida, em que os conselhos evangélicos são um aspecto. Cada um é convidado a responder a sua vocação de batizado amando a Deus e seu próximo. A vida cristã, segundo o duplo mandamento introduz cada um, na perfeição da caridade e na santidade, apesar das faltas ligadas ao pecado. O mandamento do amor expressa que a caridade é um dom divino, pelo qual o ser humano pode amar, concomitantemente é uma lei que obriga a amar. Assim, orientado pela caridade para a caridade todos podem plenamente responder ao chamado de Deus à santidade cristã. Ademais, o quinto capítulo define o fundamento da noção da vocação universal à santidade, e faz explicitamente um nexo entre o mandamento do amor e santidade. É uma resposta ao apelo de Cristo de ser “[...] perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48), que todos os discípulos de Cristo são chamados à santidade, à plenitude da vida cristã. A santidade consiste em buscar a perfeição da caridade vivida no duplo mandamento do amor segundo a medida da dádiva de Cristo (LG 40). A vocação à santidade é universal porque todos são convidados a seguir o Cristo. A vida cristã na única santidade se exerce de maneira

multiforme na vida dos batizados. A respeito dos conselhos evangélicos, lembra que todos os cristãos não são chamados a sua prática, mas que o Senhor propõe aos seus discípulos. É a alegria da Igreja (LG 42) que muitos dos fiéis se consagram na prática dos conselhos evangélicos.

O segundo objetivo desta pesquisa foi a proposta de identificar o conceito de santidade em São Francisco de Sales, confrontando com o conceito de santidade em *Lumen gentium*. Para o bispo genebrês quanto para os padres conciliares, a santidade cristã consiste na perfeição do amor de caridade. Portanto, santidade consiste na busca da perfeição da caridade vivida no mandamento do amor a Deus e ao próximo. São Francisco de Sales parte do amor humano para explicar a caridade. O amor humano é reflexo do amor de Deus. Para ele, a santidade cristã consiste no amor em termo de caridade que é a perfeição do amor.

Em terceiro lugar, procurou-se identificar elementos comuns entre a teologia da vocação à santidade cristã de São Francisco de Sales e o quinto capítulo da *Lumen gentium* consistindo na tendência e na obrigatoriedade à santidade. A possibilidade de cada um alcançar a santidade mediante a graça de Deus é para todos. O santo de Annecy é conhecido por defender a vocação universal à santidade, ou seja, segundo Ravier (1969), ao chamado evangélico à perfeição da caridade é única, é própria para todos os cristãos. Todos são chamados à santidade, à vivência da perfeição evangélica, em qualquer gênero de vida. Assim, o dom da santidade é possível para todos. E conclui que o amor e a liberdade andam juntos. Por outro lado, pode-se concluir que em São Francisco de Sales, dá-se o primado da graça, e afirmação categórica que a liberdade humana não é diminuída, e menos ainda aniquilada, mas salva pela graça. E que a obrigação universal à santidade deve-se ao progresso da perfeição da caridade. Há duas diferenças em relação ao conteúdo do quinto capítulo da *Lumen Gentium* que são a caridade em termos de amizade e a questão das inspirações. Ambas, não aparecem na *Lumen Gentium*, mas que São Francisco de Sales trata em suas obras.

Diante no que se refletiu ao longo do trabalho a respeito do objetivo geral, parece muito claro o fato que na teologia da vocação universal à santidade de São Francisco de Sales possui elementos para compreender o quinto capítulo da *Lumen gentium*. Enfim, o objetivo principal foi o de apontar, a partir desta pesquisa, a contribuição e atualidade do santo de Annecy para a situação da Igreja e do mundo contemporâneo. Por outro lado, tem-se consciência dos limites deste trabalho diante

da gigantesca obra de São Francisco de Sales, porque possuía o dom de escrever (LECLERQ, 2012).

Ao longo da pesquisa, deparou-se com a surpresa de que São Francisco de Sales foi citado pelos padres conciliares na Congregação geral, como também diretamente na *Acta synodalia*, além disso, é citado discretamente como nota de roda pé do quinto capítulo da Constituição sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, pela encíclica *Rerum omnium* de Pio XI.

A partir desta constatação, surgem alguns elementos novos, que se espere sejam de grande utilidade para redescobrir o santo Doutor da perfeição cristã. Propõe-se a continuar buscando e pesquisando no salesianismo temas ligados a vida da Igreja, da sociedade e das pessoas independentemente de tradição religiosa. Diante de sua reflexão teológica constata que é muito atual para os nossos dias, e que responde ao homem e mulher contemporâneos permitindo refletir sua teologia na voz dos papas pós o Concílio Vaticano II, sobretudo o Beato Paulo VI e São João Paulo II, como também indicar elementos práticos da espiritualidade cristã a partir das contribuições de São Francisco de Sales para uma vivência batismal rumo a santidade do amor.

REFERÊNCIAS

ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI II. Typis Polyglottis Vaticanis, Civitas Vaticana, 1970-1980.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. 322 p. (Patrística 10).

ALBERIGO, Giuseppe (Org.). **A Formação da consciência conciliar: O primeiro período e a primeira intersessão (outubro de 1962 a setembro de 1963)**. Petrópolis: Vozes, 2000. 2 v.

ALMEIDA, Antônio Jose de. **ABC do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2015. 87 p.

_____. **Apostolicam actuositatem**: Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012. 111 p.

_____. **Lumen gentium**: A transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005. 274 p.

_____. *Lumen gentium*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. 1108 p.

_____. **Sois um em Cristo Jesus**. 2. ed. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2012. 198 p. (Coleção livros básicos de teologia; 8, 1).

AMARANTE, Alfonso V.. La "vocazione alla santità": aspecto storico. In: VIRGILIO, Giuseppe de. **La vocazione alla santità: Prospettive teologico-morali nel cinquantésimo della Lumen gentium**. Roma: Editrice Rogate, 2014. p. 51-68.

BENTO XVI, Papa. **Carta encíclica Deus caritas est**: sobre o amor cristão. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. 76 p.

BETTI, Umberto. Cronistória da Constituição. In: BARAÚNA, Guilherme (Org.). **A Igreja do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1965.

BOFF, Clodovis. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. **Revista Pistis Praxis**: Teologia Pastoral, Curitiba, v. 7, n. 1, p.112-141, 2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília, Edições CNBB, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium*: sobre a Igreja. In.: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 733 p.

_____. Constituição pastoral *Gaudium et spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In.: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 733 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Tradução da CNBB. São Paulo: Ave Maria, 2001.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Os santos e a misericórdia**. São Paulo: Paulinas Paulus, 2016. 126 p.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas Loyola, 2007. 1467 p.

DUQUE, Baldomero Jiménez. Universal vocacion a la santidad en la Iglesia. In: GONZALEZ, Casimiro Morcillo (Org.). Concílio Vaticano II: **Comentários a la Constitución sobre la Iglesia**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1966. p. 723-797.

FRANCISCO, Papa. **Misericordiae vultus**: Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015. 40 p.

HENN, William. La "vocazione alla santità": origine e sviluppo del tema teologico nella *Lumen Gentium*, cap. V. In: VIRGILIO, Giuseppe de. **La vocazione alla santità**: Prospettive teologico-morali nel cinquantésimo della Lumen gentium. Roma: Editrice Rogate, 2014. p. 35-50.

JOÃO XXIII, Papa. Discurso do Papa João XXIII na abertura solene do Concílio. In: Concílio Vaticano II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 21-32.

JOÃO PAULO II, Papa. **Teologia do corpo**: O amor humano no plano divino. Campinas: Ecclesiae, 2014. 546 p.

IPARRAGUIRE, Ignacio. Natureza da santidade cristã e meios para consegui-la. In: BARAÚNA, Guilherme. **A Igreja do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 1069-1084.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II**: Documentário preconiliar. Petrópolis: Vozes, 1962. 1 v.

_____. **Concílio Vaticano II**: Primeira sessão (set.-dez. 1962). Petrópolis: Vozes, 1963. 2 v.

_____. **Concílio Vaticano II**: Segunda sessão (set.-dez. 1963). Petrópolis: Vozes, 1964. 3 v.

_____. **Concílio Vaticano II**: Terceira sessão (set.-nov. 1964). Petrópolis: Vozes, 1965. 4 v.

LABOURDETTE, Michel. A santidade, vocação de todos os membros da Igreja. In: BARAÚNA, Guilherme. **A Igreja do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 1056-1068.

LAJEUNIE, E. J.. **Saint François de Sales: L'Homme, la pensée, l'action.** Paris: Éditions Guy Victor, 1966. 2 v.

LECLERQ, Jacques. **São Francisco de Sales: Doutor da Perfeição.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1957. 237 p.

LECLERQ, Jean. **O amor às letras e o desejo de Deus:** introdução aos autores monásticos da Idade Média. São Paulo: Paulus, 2012. 343 p.

MOELLER, Charles. O Fermento das idéias na elaboração da Constituição. In: BARAÚNA, Guilherme (Org.). **A Igreja do Vaticano II.** Petrópolis: Vozes, 1965. p. 10-1332.

MOULINET, Daniel. **O Vaticano II:** contado aos que não o vivenciaram. São Paulo: Paulus, 2012. 148 p.

MOUROUX, Jean. **Vocação cristã do homem.** São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1961. 239 p.

PAULO VI, Papa. Carta apostólica Sabaudiae gemma. In.: **Acta Apostolicae Sedi, Romae,** v. 59, n. 2, p. 113-123, 28 fev. 1967.

_____. Carta encíclica Ecclesiam Suam. In.: **Documentos de Paulo VI,** São Paulo: Paulus, 1997. p. 32-33.

PELL, Cardeal George. Prefácio. In: VIRGILIO, Giuseppe de. **La vocazione alle santità:** Prospettive teologico-morali nel cinquantésimo della *Lumen gentium.* Roma: Editrice Rogate, 2014. p. 11-20.

PIO XI, Papa. Carta encíclica Rerum omnium. In.: **Acta Apostolicae Sedis, Romae,** v. 15, n. 2, p.49-63, 1 fev. 1923.

PHILIPS, Mons.. **A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano:** História, texto e comentário da Constituição *Lumen gentium.* São Paulo: Herder, 1968. 468 p. (Tomo I).

RAVIER, André. **Ce que croyait François de Sales.** Paris: Nouvelles Éditions Mame, 1976. 174 p.

_____. Préface et Chronologie. In.: Bibliothèque de la Pléiade – NRF – Saint François de Sales – **Oeuvres.** Éd. Gallimard, 1969.

_____, André. **Prier à Annecy avec François de Sales.** Paris: Desclée de Brouwer, 1993. 142 p.

ROFFAT, Claude. **A l'écoute de Saint François de Sales.** Paris: Éditions Spes, 1948. 398 p.

SALES, Saint François de. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1892. 419 p. (Tome I).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1893. 205 p. (Tome III).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1894a. 369 p. (Tome IV).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1894b. 510 p. (Tome V).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1895. 479 p. (Tome VI).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1897. 489 p. (Tome IX).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1898. 479 p. (Tome X).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1902. 522 p. (Tome XII).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Abry, 1904. 462 p. (Tome XIII).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Abry, 1906. 477 p. (Tome XIV).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Abry, 1908. 468 p. (Tome XV).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Abry, 1911. 479 p. (Tome XVII).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Abry, 1918. 482 p. (Tome XX).

_____. **Oeuvres de Saint François de Sales.** Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1932. 505 p. (Tome XXVI).

SAUVAGE, Jean. **L'appel universel à la sainteté dans l'oeuvre de saint François de Sales et les documents de Vatican II.** In.: *Mélange de science religieuse. Littérature et religion : mélanges offerts à Monsieur le Chanoine Joseph Coppin à l'occasion de son quatre-vingtième anniversaire.* Lille, v.1. n. 3, p. 311- 324, octobre 1967.

TEIXEIRA, Vinícius Augusto Ribeiro. *Vocação universal à santidade como horizonte da vida cristã.* **Revista Eclesiástica Brasileira,** Petrópolis, n. 275, p.618-641, 2009.

_____. Vocação à santidade: dom, compromisso e profecia. **Convergência**, Rio de Janeiro, n. 420, p.226-244, 2009.

URS VON BALTHASAR, Hans. **Estados de vida del cristiano**. Madrid: Encuentro, 1994. (Ensayos; n.85)

VIRGILIO, Giuseppe de. Introduzione. In.: VIRGILIO, Giuseppe de. **La vocazione alla santità** : Prospettive teologico-morali nel cinquantesimo della *Lumen gentium*. Roma: Editrice Rogate, 2014. p. 11-20.